



Correio das Artes



Ano I Número I SUPLEMENTO LITERARIO DE "A UNIÃO" Domingo, 27-3-1919



NOTA DE CENTENARIO

HAROLDO BRUNO

HAVIA em Brunetière cujo centenario comemoraremos este ano, um senso do particular, um sentido do valor da obra estetica, uma sensibilidade moral que geralmente escapam aos criticos dogmaticos. De um relêvo singular, quase unico, sabe-se ser a posição que o teórico de "L'évolution des genres" concedera a Madame de Staël nos movimentos de renovação do pensamento critico na França, um lugar sem dúvida maior que o de Chateaubriand, em cujo confronto sentimos crescer a originalidade e influencia, a grandeza de seus dois célebres livros "De la littérature" e "De l'Allemagne". E mais que por esses attributos, num plano de categorias literárias, o que sempre deve ter impressionado como o seu dom pessoal mais característico seria o julgamento invariavelmente amplo, a capacidade de generalização operada como um meio para atingir a unidade do espirito oriunda universal e permanente.

Crítica exercida sobre as grandes linhas da sociedade, é ao mesmo tempo uma tomada de consciência do fenómeno literário especifico, que só por esses caminhos vastos se explica. Tanto o naturalismo de Taine como o de Brunetière teriam um precursor em quem assim escrevia: "Je me suis

proposé d'examiner quelle est l'influence de la religion, des mœurs et des lois sur la littérature". Mas acellando essa amplitude de perspectiva sob um ângulo diverso, Brunetière, inimigo de toda critica impressionista, de toda doutrina hedonista da arte, aproximava-se muito mais de sua finalidade.

De De Staël não tinha certamente aquella lucidez e subtilidade que levaria uma romântica igual a ela a reconhecer em Racine o

poeta mais perfeito, nem dentro de sua concepção organica a mesma liberdade de julgamento. A subordinação de suas idéas a um sistema científico não apresenta, contudo, a rigidez que notamos na obra de Taine, nos "Essais de critique et d'histoire" ou na "Philosophie de l'art", onde quase se chega ao esquecimento completo das relações com a personalidade, que tanto significavam para um Saint-Beuve, ou dos aspectos subleivos

da critica de um Sarcy e de um Prévost-Paradol. Seu transformismo estava animado por uma ardente compreensão do caracter total da literatura. Justamente por isso é que ao contrario de Taine acerbando — consequência lógica do seu pensamento — por se preocupar menos com a critica que com a história e a sociologia, Brunetière concebe os generos literários com formas independentes, que se desenvolvem segundo leis comuns às espécies biológicas. Isto valeria talvez dizer: elle reivindicava para a literatura uma autonomia que Taine, considerando-a simples produto de fatores externos, não poderia jamais aceitar.

Brunetière transportaria para o dominio da critica, mais que uma noção limitada, um desses principios gerais que em si mesmo exprimem, as aspirações de épocas inteiras: a idéa de evolução, uma conquista do século XIX. Evolução da natureza, lenta como em Darwin por mutações visíveis, lenta como em H. Vries; evolução dialética de Hegel; evolução da matéria pelo elan vital, como desejava Bergson; evolução da cultura através do processo de repetição ritmada e de etapas a simbolizarem estações, como pretendia Spengler, e à maneira de ser vivo como Frobenius, —

Treno para Casimiro Diaz

MORREU UM TOUREIRO
EM ESPANHA.
NA PRACA DE TOUROS
MALIGNA.
ONDE TANTOS SUCUMBIRAM
EM TOALHAS DE SANGUE.

NUM CAMPO DE CORDOBA
O MAIOR TOUREIRO
DE TODA A ESPANHA.
PELAS COSTAS FERIDO,
MORREU SORRINDO
COMO BOM TOUREIRO.

FAZIA BATOTA NAS CARTAS
FAZIA DANÇAR A NAVALHA.
A BANDEIRILHA ENRISTAVA
COM GARBO E ALTIVES
DE MAIOR TOUREIRO
DE ESPANHA.

E QUANDO BELITA, DO SEIO
UMA FLOR LHE ATIROU,
GEMERAM AS GUITARRAS,
QUE AQUELA ERA A CORRIDA
DO MAIS FERROZ TOURO
DE ESPANHA.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

A União

FUNDADA EM 1892

PATRIMONIO DO ESTADO

Diretor: SILVIO PORTO

JOÃO PESSOA, 27 DE MARÇO DE 1949

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES:

HAROLDO BRUNO, FERNANDO FERREIRA DE LOANDA, HAMILTON PEQUENO, HECTOR P. AGOSTI, GEORGE MATTOS, OTTO LARA RESENDE, T. S. ELIOT, NICE FIGUEIREDO, DILERMANDO LUNA, ADOLFO CASAIS MONTEIRO, JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA, PERICLES LEAL, EDSON REGIS, CARELLI, JOSÉ LINS DO REGO e CARLOS ROMERO.

Desenh. e reproduções de SANTA ROSA, HERMANO JOSÉ, PANCETTI, HELIO FEIJÓ e AUGUSTO REYNALDO.

uma reação contra as visões estáticas da vida. Esse impulso de dinamismo e superação tornou-se a estrutura de sua concepção dos gêneros e a sua obra possui deste modo uma importância histórica das mais ricas, embora o valor dela não seja apenas teórico, e enquanto crítico da "Revue des Deux-Mondes" Brunetière tenha agitado ideias e combatido preconceitos, no entanto uma atuação efetiva, tão larga que ainda hoje se mantém atuais alguns dos aqueles problemas que debuta com o seu ardor polêmico, a eterna querela da originalidade e do finalismo da arte entre eles.

O construtor de um sistema nele realmente leva vantagem sobre o analista, o historiador da crítica transeia com sua "lógica" poderosa e inflexível, no dizer de Faguet sobrepõe o crítico, ou este tem uma consciência tão exata da verdade, do particular, da unidade, do permanente, que os procura sempre no geral, na naturalidade, na variação. "L'evolution des genres" é a morfologia da crítica, é ela a introdução para o estudo do desenvolvimento das formas literárias na França, pois a crítica, antecedendo e estruturando os movimentos, as escolas, as renovações, precede igualmente a

pesquisa de qualquer gênero. Se para alguns historiadores é a poesia a fonte e o estágio superior das literaturas, no começo os trovadores ingênuos e no fim os poetas filosóficos, complexos, nutridos de sabedoria amarga, para ele nenhuma literatura moderna pôde desenvolver "lora" e independentemente da tutela, ou da ação da "crítica". Com efeito, ninguém deu limites mais extensos à crítica do que Brunetière; de Lessing derivaria a literatura alemã, e "depois de Ronsard aos nossos dias, não é possível citar uma revolução da literatura ou do gosto que não tivesse por origem e por guia uma revolução da crítica". Nem o próprio Ronsard, Malherbe, Boileau, Voltaire, Huysmans, e modernamente um Baudelaire, um Wilde, um Valéry, um T. S. Eliot são críticos e teóricos menos perspicazes que poetas extraordinários ou bons poetas; é que se historicamente a poesia não passa quase sempre de uma manifestação de espírito crítico e doutrinário, individualmente, ao inverso do que se pensa, ela é atividade mais ou menos inseparável da inteligência, e aqueles nomes provam que a poesia não é apenas sentimento. Eles nos demonstram que a crítica poética é patrimônio

não esclarecido dos poetas.

Para Brunetière a literatura francesa é a única onde a crítica apresenta uma evolução ininterrupta. A observação não é inútil, ressalva, porquanto na Inglaterra e na Alemanha existem certamente críticos; nomes como os de Pope, Johnson, Gottsched, tornaram-se nomes europeus, mas se eles não ficaram isolados na sua língua, constituem por certo exceções, ao passo que na França encontramos "um corpo de doutrinas literárias — universalmente aceitas ou contestadas, pouco importa, e não é este o assunto — mas um corpo completo, um corpo inteiro, tudo isso representando uma teoria geral do estilo, uma estética dos gêneros, das regras, das leis". Não é todavia na França, mas na Itália do século XV que a crítica moderna surgiu, predominantemente filológica nessa primeira fase denominada depois por um caráter de absoluta impessoalidade, cuja expressão — "le réveil de la personnalité" — Brunetière toma emprestada a Burkhardt. É o tempo da "Chanson de Roland", das obras exprimindo uma realidade universal e anônima, quando os conceitos de nacionalidade e individualidade ainda não distinguiam muito bem as

literaturas e os escritores; logo porém, sucedendo um período em que o artista e o poeta procuram já introduzir a impressão de si próprios, Brunetière exige para a França a glória de ter despojado a crítica do pendântismo da erudição e "d'après satirique" que possuía na Itália, para torná-la eminentemente literária com a "Defesa ou ilustração da língua francesa" de Joachim Du Bellay, a "Poética" de Scaliger e a "Arte poética" de Vauquelin de la Fresnaye.

Não se perderia inteiramente a ligação do autor dos "Études critiques sur l'histoire de la littérature française" — e essa seria a melhor maneira de comemorar o seu centenário, — se a crítica contemporânea pudesse extrair de sua obra esse exemplo de sistematização, de pesquisa histórica, de hierarquia e distinção dos valores literários. A busca sutil da expressão estética, à exaltação do sentimento interior aliada com a especialização técnica do nosso tempo faltam muitas vezes, não apenas o conhecimento das causas objetivas, mas a formulação de leis e princípios teóricos em que a crítica literária do século passado nos parece bastante fecunda.

ESTE SUPLEMENTO

ENTREGAMOS hoje aos nossos leitores o primeiro número de **CORREIO DAS ARTES**, suplemento dominical de **A UNIÃO**, com o que tentamos emprestar uma contribuição ao atual movimento literário e artístico do Brasil.

A Paraíba, que estava se ressentindo da existência de um órgão dessa natureza, para sua completa integração na vida cultural do país, contará de hoje por diante com o **CORREIO DAS ARTES**, para divulgar os seus valores mais representativos na literatura e na arte.

Cumpre-nos o dever de ressaltar aqui o apoio que recebemos do dr. Oswaldo Trigueiro, governador do Estado, para que este suplemento pudesse ser realizado.

Agradecemos por fim a Simeão Leal e Santa Rosa a colaboração que nos prestaram neste primeiro número.

Sobre PRESENÇA DE ANITA

HAMILTON PEQUENO

TERMINO a leitura de "Presença de Anita" (1), do sr. Mario Donato com uma lembrança bem viva das suas personagens. Certas situações também me causaram impressão duradoura. E isso me convence das excelentes qualidades do sr. Mario Donato para a ficção. Suas criaturas são examinadas minuciosamente, em todas as suas sensações. Com esse processo, ele nos revela a psicologia dos seus personagens, em toda a extensão e profundidade, recorrendo muitas vezes à psicanálise para a explicação de determinados complexos que se formaram na infância.

Partindo de um duplo suicídio, tema que se prestaria mais à novela policial, o sr. Mario Donato não se perde no sensacionalismo dos fatos de polícia, conduzindo, embora, o julgamento de Eduardo com uma certa morosidade, como quem deseja prolongar determinadamente o acontecimento. Mas não desce à vulgaridade, nem arma a cena para impressionar, apesar da impressão dessa natureza, que se possa ter à primeira vista.

Do sótão, onde Eduardo e Anita deliberaram por fim à vida depois de uma cena que já não possuía o ardor amoroso de outros tempos, o sr. Mario Donato volta aos fatos anteriores, numa sequência lenta, reconstituindo gradativamente a vida de cada um, com as suas virtudes reais ou aparentes, os seus vícios e as suas inclinações, e fazendo surgir em torno deles as pessoas com quem tinham ligação próxima ou remota. Situa os ambientes de ambos, esclarecendo os antecedentes que deram razão ao impulso suicida.

Demasiadamente imaginativo, Eduardo prendeu-se a uma imagem ideal, nascida de um esboço a lápis. Cintia era a figura que representava os seus mais altos anseios estéticos, como a "Bem Amada", de Hardy, consubstanciava, para Jocelyn, a imagem verdadeira de uma forma buscada e não encontrada. Em "THE WELL BELOVED", Thomas Hardy coloca o escultor diante de um

problema estético que lhe atormenta a vida inteira: inutilmente Jocelyn procura aquela que vive nos seus sonhos, que contém em si os atributos da imagem ideal. A mocidade foge e ela não vem. Somente na velhice, — tarde de mais — a "Bem Amada" encontra o seu invólucro, quando o fogo da paixão estava amortecido, e as esperanças já se haviam dissipado. Durante o período da longa procura, a arte de Jocelyn reflete as suas angústias e decepções. Eduardo não possuía essa escapatoria, esse motivo de evasão para os seus desejos. Primeiro foi Lúcia — Lúcia calma. Lúcia repoussante — mas Lúcia que não era Cintia. Não possuía o ardor que Cintia lhe prometia, a sua insatisfação, a sua inquietude. Lúcia não se identificava com o temperamento de Eduardo: com o que nele era ansiedade, procura de sensações ainda não experimentadas. A normalidade dos seus instintos, a frieza do seu

afeto — um afeto calmo e sem oscilações — o seu pudor e a dignidade dos gestos superiores tão frequentes na sua pessoa, motivavam o desencanto de um matrimônio que perdía, para Eduardo, a sua razão essencial. "Amara-a ardentemente durante a lua de mel. Meio dismarenta, calada, mas calada dum silêncio amável, não desses que parecem um insulto e que nos dão a impressão de que somos intrusos", ela chegara, depois, a impacientá-lo com a sua ausência de vibração, com a sua excessiva virtuosidade. Limitava-se com os modos maternos que o tutelavam, a ternura sem paixão, o perdão concedido sem orgulho e sem humilhar, mantendo o nível de suficiência, de compreensão superioridade.

Anita era a revelação. Cintia estava nela, nas linhas, no impeto sensual da juventude que se precipitava em quentes carícias, na inquietude dos pés nus e ágeis, no ouro brilhante da sua cabeleira, desfazendo-se em ondas. Anita cheia de ca-

prichos de excentricidades, mas com o corpo alvo e dourado de Cintia, o aroma calmo e bom, o ar de ansia contida, os seios abreviados e ondulantes, toda ela afirmação dos seus desejos. Eduardo encontrava Cintia para perdê-la logo depois. Tornara-se cruel, voluntariosa e má. Não. Distanciara-se, perdêra-se da figura ideal. Não era mais ela. O egoísmo, da Anita, a insistência do seu amor esborroando-se no ciúme, a luta pela posse completa das emoções mais reconditas, dos sentimentos mais íntimos atormentavam Eduardo. Era incapaz de entregá-la inteiramente, a Anita reclamava. Queria o domínio completo, sem reservas e sem competições. Já não era a Cintia da sua adolescência sonhadora, "que se entregava nas carícias imprecisas que preludiam a posse real", a Cintia fríorenta das noites novas. O suicídio foi, então, uma desesperada solução, mais disputada por Anita, em quem a consciência da perda já se tornara evidente. Uma última tentativa convenceu-a da pouca ou nenhuma significação dos seus encantos. Eduardo havia-se tomado — quase sem entusiasmo, quase sem vibração. Tudo estava perdido. O suicídio era a porta que os conduziria — juntos — para a eternidade. Eduardo não ficaria com nenhuma outra. Lúcia estaria fora do seu caminho, uma esposa sem os direitos legais de posse sobre o marido. Ainda uma vitória — e seria a última.

Uma vitória que não se completou. Eduardo voltou à vida. E não se arrependeu, embora sentisse que estava traindo Anita, a única que o amara com desespero. Tão perto que estivera da morte sentia-se num estado de espírito diferente de todos os outros — possuído de um encantamento completo pela vida. E em tudo estava a sua manifestação: na folhagem que se estendia além da janela, na limpidez do céu, na viveza das cores, na alegria das paisagens. Agora queria viver. Lúcia sorria e o encorajava, sem ólera nem ressentimento.



MENINO BOM — Pancetti

timento. Lúcia boa e amiga, um balsamo e uma consolidação. Mas Cintia não estava desaparecida. Viria com Diana, no perfume impreciso dos seus cabelos, no ritmo das suas formas, na sua audácia e no seu jeito. Diana que antes não o tolerava — por ter preferido Lúcia a ela — e que, sendo Cintia, não podia mais abandonar. Nem o último sacrifício da esposa, a sua desesperada tentativa para recuperá-lo, pôde movê-lo dos seus propósitos. A Vitoriosa ressurgia e era preciso não abandoná-la. Lúcia compreendia tudo, Lúcia boa que chorava mas não protestava, que consentia e ainda con-



OBRAS COMPLETAS DE GILBERTO AMADO

A LIVRARIA José Olímpio Editora encerrará, no corrente ano, com a publicação de "A dança sobre o abismo e outros ensaios modernos", a edição das Obras Completas de Gilberto Amado. Anteriormente, foram publicadas, a intervalos breves, as seguintes volumes: "A chave de Salomão", "Grão de areia", "Espírito de nosso tempo", "Inocentes e culpados" e "Os interesses da Companhia".

Do mesmo autor será publicado dentro de pouco tempo o seu último romance, "Mariquinhas Camacho", que está sendo aguardado com muito interesse nos círculos intelectuais do país.

UM NOVO LIVRO DE KOESTLER

O ÚLTIMO livro de Artur Koestler, "Insight and Outlook", deverá ser lançado, ainda este mês, nos Estados Unidos, pelo editor Macmillan. Agora, o autor de "O Zero e o Infinito" torna mais profundas as teorias sugeridas em "O logue e o Comissário", encaminhando-se para os domínios da filosofia pura. Artur Koestler faz uma tentativa, em "Insight and Outlook", para diagnosticar a crise atual da nossa civilização.

flava na sua amizade. Anita também fora traída. Eram antecedentes da Cintia que por fim fora encontrada. "Diana era um resumo de todas, epitome duma multidão. Talvez duma multidão ainda maior, desconhecida para ele, de mulheres que vieram nos séculos se aprimorando, erodidas pelo amor dos casais que as fecundaram, cada vez mais finas e mais perfeitas". Anita chamava, mas ele preferia viver. Um chamado que gemia dentro das noites escuras, lembrando o fantasma do livro de Emily Brontë. E é uma semelhança marcante, evidenciando a influência que o mesmo exerceu sobre o sr. Mario Donato. Outra influência bem forte que observei foi a de D. H. Lawrence. Há passagens, como aquela em que Anita, com o corpo molhado pela água do mar, entrega-se sobre a areia branca da praia, ou então quando corre diante dos faróis do automovel, na plenitude da sua nudez dourada. A incapacidade de Lúcia para os momentos mais altos da sensualidade, assemelha-se também à incapacidade física do velho "lord" mutilado, mas que não perdia a fé nas reservas orgânicas da esposa de quem esperava um filho que herdaria o seu nome. A normalidade de Lúcia se altera no último período de sua vida matrimonial: quando permite e acha natural que Eduardo procure Diana, a sua irmã. O sacrifício da última noite é outra manifestação mórbida. Lúcia sacrificava-se; e já não era ela mesma. Fazia uma concessão inútil, que atentava contra os seus princípios, contra a sua dignidade. Integrava-se na galeria dos personagens patológicos do sr. Mario Donato. O sacrifício da última noite foi um reflexo do seu distúrbio emocional, uma consequência inevitável. Perdia o domínio de si mesma e entregava-se a caprichos repugnantes que o seu estado normal repeliria. Ela não aprovara, antes, os excessos a que se permitia Eduardo: achava bestiais e pecaminosas as suas exigências. A submissão é uma transformação radical na sua personalidade. Submissão que Eduardo aceita mas que não lhe satisfaz. Diana continuaria como a escolhida. Seria a única estando revelada nela a graça e a leveza de Cin-

tia. Anita voltava por vezes. Mas "ninguém amava Anita. Todos queriam apenas a sua beleza, a sua alegria. Os homens a desejavam apenas porque tinha a infelicidade de ser bonita e era fácil de conquistar, mas não a amavam". "Habitava agora a solidão". "era nevoa entre a nevoa, luz fria a luz da estrela da manhã, esgarçando a nevoa com o seu gesto." Anita embora uma sombra, lembrança que tentava esquecer, pesava como um tormento. Chamava e prendia-o entre os braços gelidos. E aqui posso afirmar a minha estranheza diante do aparecimento de Anita como uma figura quase real, no fim do romance. É um fato que somente pode ser explicado pelo ângulo das convicções religiosas às quais o sr. Mario Donato pode ter-se apegado. E esse é um defeito muito grave de que se ressent o livro. Antes de tudo, o fantasma surge como uma nota dissonante, injustificável. Prende o braço de Eduardo e deixa marcas de unhas, o que é inteiramente inverossímil. Como um fato da imaginação poderia ser explicado, mas não como um fenômeno constatado e não ilusório, como o sr. Mario Donato faz questão de afirmar. Do meu ponto de vista o romance não deve possuir intenções nem políticas nem religiosas, o que atenta contra a sua finalidade de arte pura. E nessa falha incorre o sr. Mario Donato. Verdade que os seus erros podem ser dispensados, diante do valor que possui o seu livro de estreia, uma estrela que, aliás, pode ser considerada como uma das mais auspiciosas. Sou de parecer que o sr. Mario Donato deveria ser mais cuidadoso, em outros livros, com fatos dessa natureza, para o bem da sua obra, que promete ter uma grande significação em nossas letras. Há qualidades de estilo e de imaginação, em "Presença de Anita", e um senso de análise psicológica que são raros num estreante. Os tipos do sr. Mario Donato são muito bem estudados. E o seu processo de construção do romance é moderno e ágil. Há ainda a ressaltar o seu agudo sentimento poético, que sobressai em todas as páginas do livro, e que poderá ser considerado como uma das virtudes da sua prosa. A idéia que se poderá fazer do livro do

sr. Mario Donato, numa apreciação apressada como é tão comum, é de um livro de intenções amorais, de propósitos libertinos diante de certas revelações. No entanto, "Presença de Anita" é um romance que revela, antes, a coragem do sr. Mario Donato em explorar certos assuntos num país amadado pelos preconceitos religiosos e pela moral tradicionalista e facilmente arrepiável.

(1) — Mario Donato — PRESENÇA DE ANITA — Livraria José Olímpio Editora — 5.^a edição — Rio — 1949.



GIDE IRREVERENTE

A PUBLICAÇÃO de alguns trechos do próximo livro de André Gide, que terá o título de "Le Testament Spirituel", deu lugar a que merecesse a classificação de "irreverente e ateu", pela liberdade com que se refere a certos problemas de ordem moral e religiosa. Isso faz supor que o escritor francês laureado com o Prêmio Nobel ainda não se libertou, embora já septuagenário, dos amargores de sua tragédia íntima.

O ÚLTIMO ROMANCE DE CHARLES MORGAN

EDITORA Macmillan, dos Estados Unidos, programou para maio próximo o lançamento do último romance do escritor inglês Charles Morgan. A obra intitula-se "The River Line", e mantém a mesma tonalidade platônica dos romances anteriores de Morgan.

PRÓXIMAS PUBLICAÇÕES

O IPÊ lançará ainda este ano, algumas biografias de grande importância para as nossas letras, figurando entre elas a de "Rui Barbosa", por Mário de Lima Barbosa, a de "Joaquim Nabuco", por Celso Vieira, a de "Gongalves Dias", por Manoel Bandeira e a de "Tamandaré", por Gustavo Barroso.

DEFESA DO REALISMO

HECTOR P. AGOSTI

"QUE estamos na sivera da confusa de um novo Renascimento, quem poderia negá-lo? Flustigados por acontecimentos decisivos que demonstram a falibilidade de certas normas de vida supostamente inalteráveis, não requer muito esforço descobrir que uma nova conduta integral há de plasmar-se em meio à derrocada. E esta conduta integral há de assinalar-se — já o está — por uma exaltação do homem, de suas inquietudes e aspirações secretas ou ruidosas, algo assim como o regresso da-quele obscurcimento humano que a arte abstrata proclamou com orgulhosas vozes de desafio".

"A criação artística como forma particular do conhecer, se apresenta agora como um jogo de ida e volta entre a ação da realidade e a reação da consciência. Instalado no meio de seu mundo, o artista, ao contrário do cientista, propõe-se reproduzir o essencial da realidade em forma de singular. Não se erige em demiurgo dos objetos, senão que aspira a conhecer os objetos que subsistem fora dele com majestosa — ainda que submissa — vida autônoma. Mas se o conhecer é um reflexo da realidade, estulto seria o artista que acreditasse na possibilidade de um reflexo simples, imediato, puro de base estritamente sensorial, como um ato semelhante à impressão de uma placa fotográfica. Sua grandeza reside nesta segurança de transformar-se de servente em amo dos objetos. Por sua dialética de mobilidade o conhecer realista nos resguarda da impassível fixidez metafísica e, ao mesmo tempo, nos libera da eterna coerção dos objetos. Porque o pensamento — partido da ação sobre o real para atingir aos mais audazes desígnios da abstração — é, em última análise, senão do real, mas é também uma antecipação do real nas quadras fugidios do possível".

se apresenta ao artista como uma massa confusa de sucessos, cujo sentido recôndito permanece frequentemente desfigurado pelas aparências extrínsecas, que é preciso desmontar implacavelmente. O novo realismo supõe que os sucessos exercem uma ação sobre o artista; este, porém, por sua vez, traslada a reação de sua consciência sobre a realidade exterior, que o estimula, quase sempre em consonância com as idéias gerais de seu tempo, que são, por sua vez, expressão antecipada, simultânea, ou tardia de um sistema de relações sociais. A realidade contém múltiplas representações coerentes, e na seleção de cada uma delas, há rotineiro expressional de um artista e nas modificações de uma obra desde seus primeiros esboços até sua final concepção, essa luta dramática entre o mundo

dos objetos e o sujeito sensível que pretende penetrá-lo, essa luta tremenda de intercâmbio entre a realidade do mundo e a consciência do artista, essa substituição dilacerante dos signos apreendidos pelos signos que é preciso inventar para redimir as essências, tudo isso constitui, por assim dizer, o mecanismo psicológico deste processo creador que tem constituído sempre a nutrição dolorosa do verdadeiro artista. Este processo supõe necessariamente uma psicologia e uma sociologia do ato creador, porque a consciência individual do artista está submergida num complexo social cujas consequências padece, ainda que, por vezes, suponha não perceber".

"Se o processo do conhecer

Ritornelo do homem demente

GEORGE MATTOS



QUANTO PADEÇO
NESTE MUNDO SEM FORMAS,
NESTA MINHA AGONIA
QUE O HOMEM DEMENTE
DEIXOU-ME NA MENTE;
ME LEVAM, ME TRAZEM
NAS ESCURAS ABSORTO,
— ANJOS DAS TREVAS —
QUANTO PADEÇO.

PERDI-ME DE NOVO
EM TODA A PUREZA,
EM TODO O PERDIDO
QUE OS MEUS PASSOS ENCON-

[TRARAM,

NAO GRITO, NAO CHORO,
QUANTO PADEÇO
QUANTO ME AGITO
E RECORDO EM VAO.

— PARA ONDE IREI?
— MEUS PASSOS DIRAO.
DIRAO OS CAMINHOS
DOS ULTIMOS PASSOS,
PERDIDOS DEMAIS,
NAS SOMBRAS DAS BUSCAS
DAS BUSCAS INUTEIS
DO QUE PROCUREI.

é um jogo de ações e reações recíprocas entre a realidade e a consciência. O realismo dinâmico não imagina que constrói os objetos em si, porém tampouco se resigna a resigná-los com a passividade receptiva de um espelho. Seu ideal estético consiste na tradução da realidade através do temperamento, porque o homem, em última instância, torna e assinala-se como medida e finalidade das coisas. Este homem, porém, não é, apesar de tudo, o ente absoluto que os sequazes do subjetivismo imaginavam. O homem é um homem real, observado nos embates de seu tempo modificado em seu íntimo pelas relações sociais, constrangido a plasmar sua consciência individual em conjunção ou oposição à ordem vigente; ainda que, afinal, se estabeleça nessa realidade que procurará conservar ou modificar de acordo com seus impulsos ou interesses. Esse homem de carne e osso é o que parte à conquista artística do mundo material, exterior e anterior a ele. Esse homem, porém, convertido em artista, se não é um demiurgo dos objetos como pretendiam os abstratos, tampouco é o registrador dos objetos como supunham os naturalistas. Deixa de ser as duas coisas antagônicas para ser ambas simultaneamente. Elevado à consciência de seus fins como artista e como homem, é agora um "transformador" de energia, porque seu realismo — segundo a exata definição de Aragon — deixa de estar dominado pela natureza, ao apropriar-se das realidades sociais que procuram modificar a mesma natureza".

"E a capacidade de sonhar realmente — de sonho nas coisas e entre as coisas — pressupõe no realismo dinâmico, uma invenção do concreto que se equipara à reprodução do concreto. O concreto pôde reproduzir-se mas o concreto também pode inventar-se artisticamente com uma antecipação do possível entre as malhas cerradas do real. Num ensaio sagaz Max Raphael assegura que as obras de arte podem "conter mais do que sua época lhes oferece concretamente, na medida em que reproduzem material ou formalmente coletivizações per-

"No novo realismo, de raiz discursiva e dialética, aspira-se abstrair o mundo possível entre as premonições do mundo real. É que o mundo real

tencentes a passado ou imaginárias". No fundo das "concretizações imaginárias" não está encerrada essa previsão de futuro que o realismo dinâmico subtrai do presente mediante a projecção de sua consciência dialética? E não se deduz desse fato que na doutrina do novo realismo a arte não é só uma reprodução, senão também uma revelação, em que as formas lúcidas do conhecimento recebem muitas vezes o impulso e a antecipação de certa intuição germinadora? Esta intuição reveladora — que é como uma luz repentina no duro embate das formas e dos temas — se conjuga com aquela abstração da realidade essencial, sem cujo virtual exercício a realidade se nos desvaneceria ou se nos desfiguraria ante a inesgotável multiplicidade dos fenômenos. Como poderíamos conhecer a realidade verdadeira se não fossemos capazes de abstrair, por um ato de consciência reflexiva, a essência primordial e definidora?"

"A abstração, porém, ainda que esboce a realidade primordial, não é, todavia, obra de arte, senão conhecimento. Tal conhecimento do real logo se torna obra de arte realista quando se transforma em substância sensível, isto é, quando aquela realidade se traduz a través do temperamento do artista. Influenciado ou modificado quanto queira pelo extravasamento social ou pelas anetências ideológicas, esse temperamento individual, afinal de contas, está obrigado a proporcionar a nota de sua psicologia pessoal no vasto tumulto de vozes que povoam o universo. Desse modo, no meio de semelhante jogo de ações e reações recíprocas, o conhecimento se converte em obra de arte: quando aparece a capacidade de sonhar, que é algo como a previsão do futuro no presente, a reconquista do presente no passado".

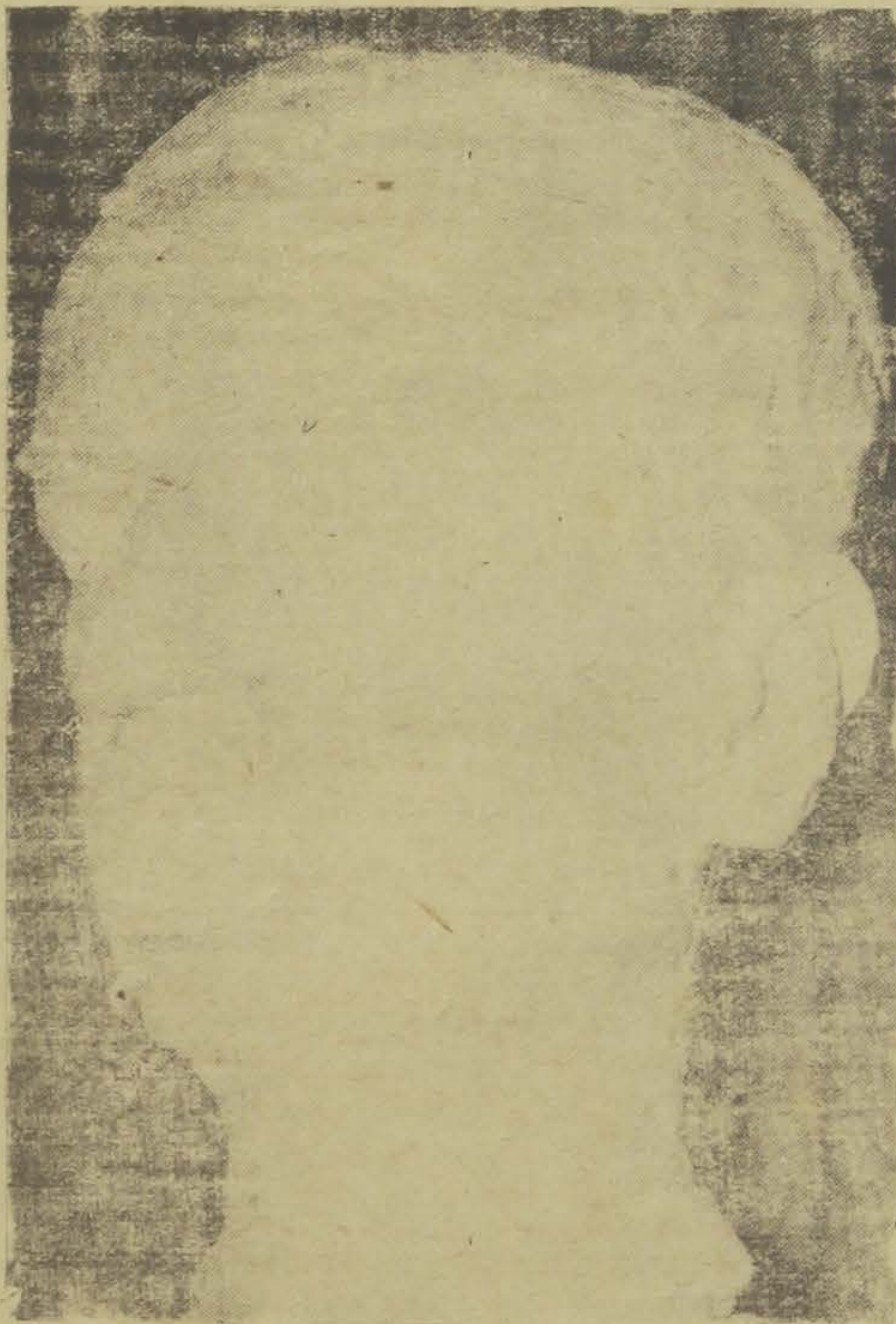
"Para o realismo em última instância, o homem torna-se assinalar-se como centro do mundo, e é neste sentido antropomórfico que se pode falar de um novo renascimento, de uma nova submissão às essências terrenas.

A desumanização havia significação nada menos do que a

revolta fecunda contra a trivialidade do antigo realismo anti-poético. Mas em virtude dessa repugnância a reconquista dos valores estéticos da forma ficava deteriorada pelo abandono dos valores éticos do conteúdo. O desprezo do tema, especialmente em pintura, derivava-se de uma inconcebível confusão entre a anedota que é a exterioridade transitória do tema, e o tema mesmo, que é o interstício para a introdução na essência última da realidade. A revolução abstrata foi, assim, por muito tempo, um heroico ascetismo das formas, uma tortura interminável para despojar as formas de toda substância carnal, para fazê-las vibrar por sua pura e absoluta necessidade de formas abstratas. A arte, porém, não podia abster-se desse arrojado do mundo real sem arriscar-se a abdicar de sua própria condição transformadora. A relação entre o artista e o espectador — esse elemento funcional da obra de arte que tão significativa hierarquia retoma no realismo dinâmico — seria possível, por exemplo, mediante o extremismo da evasão cubista?

T. S. Eliot e a definição de «Cultura»

DATA de longo a preocupação de T. S. Eliot com o problema da cultura e da sua exata definição. Após longos estudos abordou o assunto em diversas ocasiões, pronunciando conferências, escrevendo artigos de ensaios, sempre com segurança e profundidade. Esse material crítico valioso, até então esparsos, acaba de ser reunido em volume pelo editor "Faber and Faber", com o título de "Notes towards the definition of culture". T. S. Eliot tenta definir o sentido de "Cultura", palavra que vem sendo deturpada com frequência, como também estabelece os "três significados de Cultura", e ainda o que sejam "classes" e "unidade e a diversidade: a religião"; "a seita e o cult." e "cultura e a política" e a "educação e a Cultura".



Busto do poeta Manuel Bandeira, de autoria do escultor Celso Antonio, que será colocado numa praça do Recife

Levado a meditar sobre estes temas como teórico e pintor, André Lhote apregou o retorno ao homem "reclamando violentamente um fumador no extremo da sempre terna pipa cubista ou braços inspirados ao redor da obsecante guitarra insonora". Bem: este retorno ao homem é o que — diria eu, si a fórmula não estivesse tão desacreditada — o realismo retorna como um mandato histórico. Este realismo já não é, porém, um antipada da arte abstrata, senão uma superação hereditária dessa arte abstrata, porque aproveita todos os resultados de suas excursões técnicas e os enriquece com a pompa soberba de um inflamado conteúdo humano. Quer dizer, então, que o tumulto das escolas abstratas foi uma experiência inútil? Tudo quanto dissemos até agora serve para afirmar que este novo realismo seria incompreensível se o despojassemos dessa riqueza de análise que os subjetivistas adjudicaram à arte moderna. Aquela riqueza que desraíga o mundo dos subjetivistas, serve ao realista para introduzi-lo no mundo, para penetrá-lo mais profundamente, para ascender à consciência do mundo, para fazer de sua arte de representação, também um instrumento de transformação do mundo".

"Para afirmar o renascimento do homem total do século XX — autor na mais vasta e ressonante transformação da história — o novo realismo reclama uma inclusão robusta nas aspirações e inquietudes maravilhosas do mundo atual. Não impõe aos artistas uma receita; proporciona-lhes uma credenciação filosófica. Sabe que não se pode expressar toda a realidade; basta, porém, que o artista traduza o que mais próxima se acha de seu coração, a que mais sente na sua intimidade de homem, contando que a cadencie com o imenso clamor dos outros homens que como ele, sofrem, creem e sonham. Será isto, por acaso, a proclamação de outro humanismo redentor? Talvez seja. E talvez, também, já se esteja anunciando a resposta, com leve resplendor de luz, entre a dura porfia dos fatos quotidianos".

(Excertos de uma conferência, traduzida por A.R.P.).

O REALEJO E O ELEFANTE

OTTO LARA RESENDE

A MANHA, e cambaleantemente ela comunicava a todos, e sobretudo às coisas inertes, uma deslocação impetuosa para a vida, a que não se podia fugir. Eu, porém, como sucede às vezes neste decimo andar, agordei-me atordoado, depois de sonhos mais que se prolongavam na indisposição matinal. Aconteceu-me então uma coisa má vontade contra o mundo. Olhei pela janela e vi o dorso do morro, ao fundo brilhando a ponto de doer nos olhos, e em todas as casas embandeiradas de luz.

Quando desci, trazendo para baixo a minha bruma interior, a esquina ruidosa era mais ruidosa do que nunca. Um pequeno congestionamento do tráfego acastanhava um businar sem fim, seguido de mil chiados na asfalto e do chochalar seco e áspero do "tio de aço" ecoando pela avenida. Parado no meio-fio, eu hesitava entre comprar um jornal e tomar um cafézinho. Nessa postura foi que me surpreendeu um agudo sentimento de mal-estar metafísico reproduzindo-me, quasi ao vivo da repugnância, a sensação de desgosto pelo mundo, por este véter mundo mecanizado. Os problemas, de ordem particularmente técnica, lavavam o limbo de minha indecisão. "Abandonada" o meu corpo molemente de pé sobre o meio-fio.

De repente uma doce música antiga domesticou a manhã agreste. Vencendo o estrépito e o ruído de prensa que afogava em direcção à cidade a estranha música, lírica e singela, molhava

agora as calçadas, e as ruas, as fachadas, os bondes e as casas com um brando sentimento, entre orvalho e perfume. Meio quarteirão adiante, um homenzinho fustigado, repouável pelo milagre da transeunidade, rodava a manivela de um realejo. Por alguns minutos esquecido do mundo e dos problemas ouvi repetida sempre a mesma melodia de caixinha serena e monótona.

Perguntei ao homenzinho como funcionava o aparelho, mas ele recusou-se a qualquer explicação, com vergonha talvez de que fosse anacrônica destituída das complicações mecânicas que o século exige. Então, na pressa de chegar a casa, tirei a minha sorte e saí: "Pela abundância terá V. S. sua completa felicidade; o fulgo valerá neste momento por agradecimento, mas V. S. há de guiar-se e toda a sorte a seu gosto. Pronto terá notícia de uma herança mu-se V. S. quiser ser verdadeiramente feliz terá que ajudar os desgraçados e nada lhe faltará em seu bem-estar. Sirva a seus inimigos porque em caso de desgraça pode precisar dele". V. S. mudará de profissão, mas tudo que começar fará a seu favor. V. S. na sua vida a influência de uma estrela feliz; viverá mil e tantos anos. Viverá 63 anos e terá sorte no número 5430".

Diante desta mensagem, embarquei no primeiro lotação, em paz com o mundo e suas máquinas, que ajudavam agora o impulso de alegria a levantar-se do dorso da minha cadeira, mas positivamente com origem na inteligência realejo da esquina monótono e poderoso.

2 — O homem tinha voltado a Niterói para receber a mala esquecida no domingo anterior. Como a sede aperta-se, sentou-se com a filha de cinco anos no bar diante das bancas, tomando tranquilamente a sua cervejinha, enquanto a menina sorvia uma laranjada.

Na hora das postas para o mar. Ora, o mar lá não tem novidade para um homem vivido. A menina, porém, olhava o mar através da cope de laranjada. Era um mar comum, numa tarde comum com as suas defronte, esperando a barca. De repente a garota depois de fixar melhor a paisagem comunicou ao pai, que deixava sobre o copo a garrafa de cerveja:

— Papai, o elefante está dentro do mar!

Um senhor respeitável não foi ao pé da letra as miralantes comunicações infantis. A frase, por isso, não chegou sequer a arrancá-lo da linha das pequenas e vagas modificações, que o

preocupavam naquele momento, enquanto a cerveja, e pumando glugluteava no copo.

A menininha, porém, insistiu: — Papai, o elefante está dentro do mar!

Então, o senhor respeitável voltou-se lentamente na cadeira e olhou. Sem estorço, seus olhos viram a cena inédita: dentro da água, já perdendo o pé, um imenso elefante atirava ao mar sua triste e pesada indolência. Em pouco, uma pequena molhadeira se compromia na praia, em rebelião para ver o espetáculo.

No dia seguinte José Auto encontrava o caso para alguns amigos no bar deserto. A madrugada esportava os últimos freqüentes. Ao fundo o gaço enfiado e grave, tinha um ar ausente e circunspeto. A certa altura, porém, aproximou-se e pediu licença.

— O senhor foi um dos três espectadores que assistiram ao banho do elefante, em Niterói?

Pois lá estava mais uma testemunha ocular do espetáculo anunciado em primeira mão pela pequena Luzia. Não se tratava de um episódio da grande atração do Circo de Niterói. Tratava-se de banhar o imenso paquiderme, que, como o outro, por mais que se preserve, sempre tem lá o que lavar.

Para a menininha, porém, era apenas um fato na órbita do maravilhoso: o elefante estava dentro do mar.

UM CANTO POR SIMEÃO

T. S. ELIOT

(Tradução de Paulo Mendes Campos)

SENHOR, os jacintos florescem nos vasos.
O sol de inverno se arrasta pelas colinas nevadas;
A estação obstinada fez alto.
Minha vida é leve, à espera do vento da morte,
Com uma pena nas costas de minha mão.
O pó na luz solar e a lembrança nos recantos
Esperam o vento que sopra frio sobre a terra morta.

Concede-nos tua paz.
Muitos anos caminhei nesta cidade,
Guarda a fé e o jejum, e a provisão para o povo.
Dei e recebi as honras e os consolos.
Nunca rechacei ninguém de minha porta.
Quem recordará minha casa, onde viverão os filhos de [meus filhos]

Quando chegar o tempo da aflicção?
Eles irão pelo caminho das cabras, e à casa da raposa,
Fugindo dos rostos estrangeiros e das espadas estrangeiras.

Antes do tempo das cordas, dos açoitados e da lamentação
Concede-nos tua paz.
Antes das estações da montanha da desolação,

Antes da hora implacável da aflicção materna,
Agora neste tempo nascente da morte,
Permite que o Infante, o Verbo, ainda não pronunciado o [indizível],

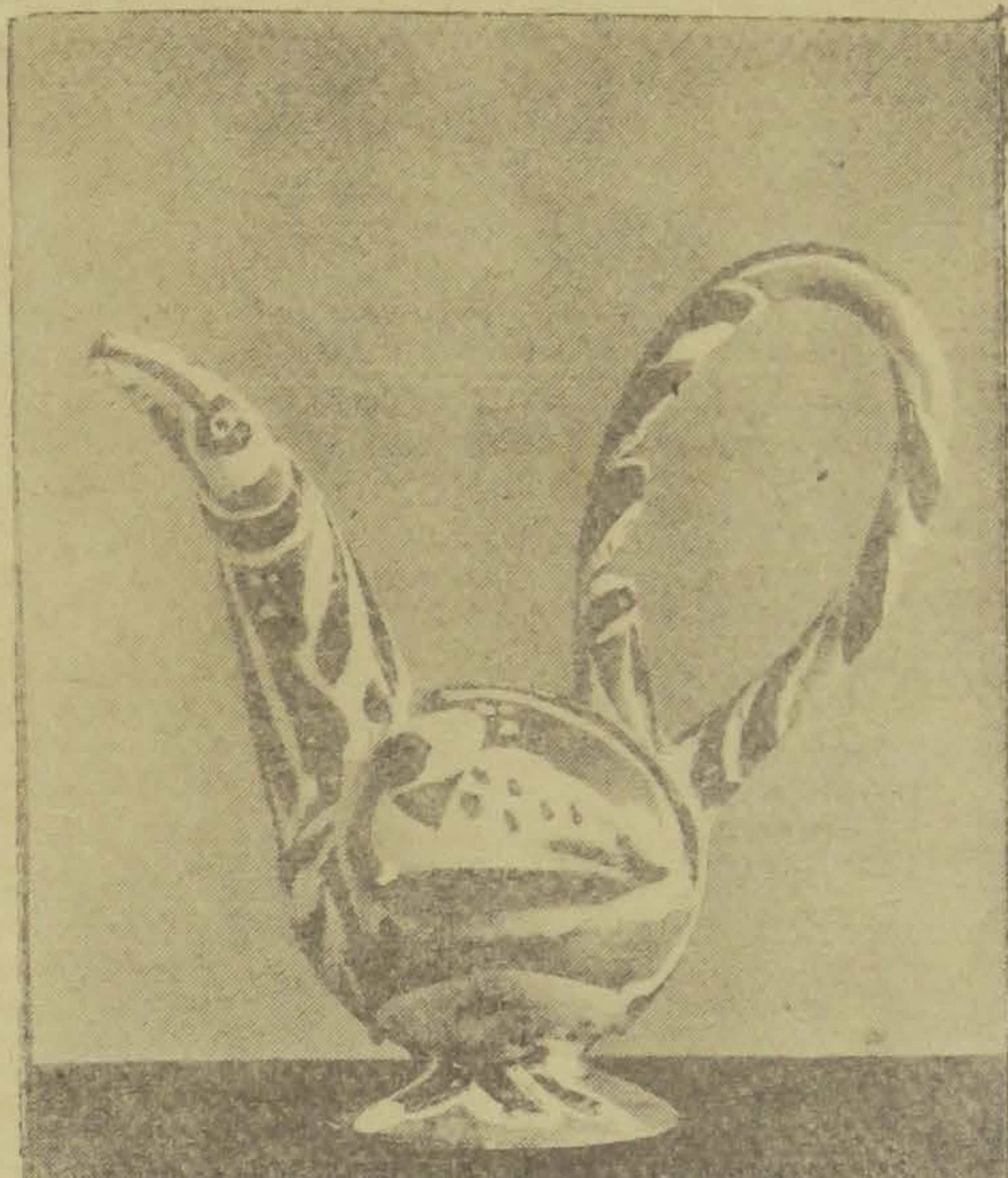
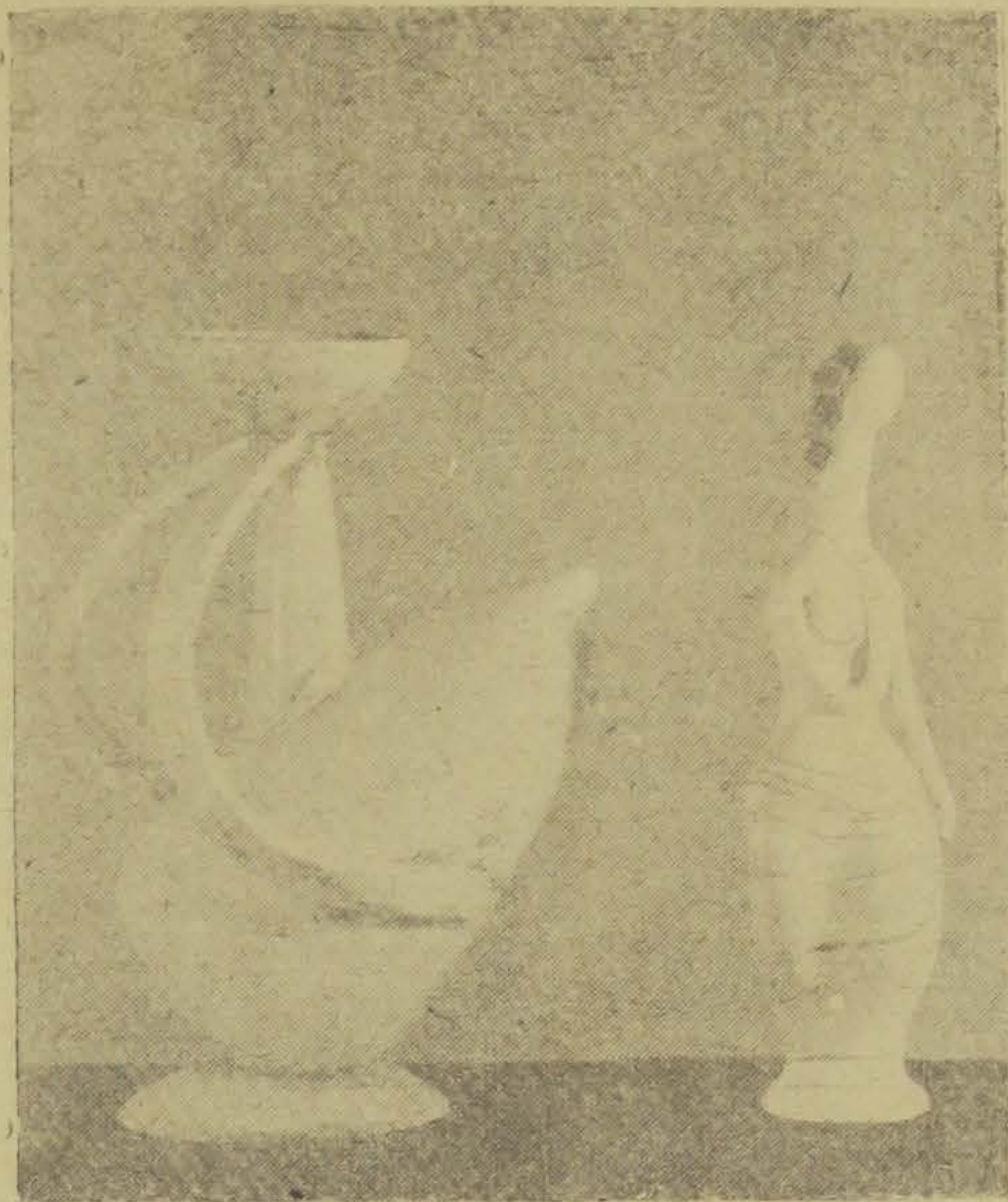
Conceda a consolação de Israel
A quem conta oitenta anos e não tem amanhã.

Segundo a tua palavra,
Eles Te honrarão e sofrerão em todas as gerações
Com glória e irrisão,
Luz sobre luz, subindo a escada do canto,
Não é para mim o martírio, e êxtase do pensamento e a [pauze]

Não é para mim a visão suprema,
Concede-me tua paz.
(E uma espada transpassará teu coração,
Tua também).

Estou cansado de minha própria vida e das vidas depois [de mim],
Estou morrendo em minha própria morte e nas mortes [depois de mim],
Permite que teu servo parta.

Foste que entreviu a sua salvação.



Três dos expressivos trabalhos de Picasso, expostos há pouco em Paris, entre os quais figura o jarro — Mulher — origem da curiosa resposta do artista a dois visitantes de sua exposição de cerâmica. O incidente foi testemunhado pelo cronista que abaixo relata o fato.

Resposta de Picasso: Uma interpretação da arte moderna

CORRESPONDÊNCIA DE NICE FIGUEIRÊDO

PARIS — O estranho vaso estava diante dos dois jovens desafiando a compreensão do rapaz e enchendo de entusiasmo a moça que o acompanhava. Cada um se pôs a defender seu ponto de vista e, aconteceu o inevitável, terminaram numa calorosa discussão.

Este fato se passou numa das salas da Maison de La Pensée Française, onde, há dias, havia sido inaugurada a exposição das Cerâmicas de Picasso.

Aconteceu, porém, que Picasso, em pessoa estava presente neste mesmo dia e, interessado, interferiu para participar dos debates que começavam a transformar as fisionomias dos dois contendores, apesar de se conservarem unidos, de braços dados.

A PERGUNTA DIRIGIDA A PICASSO

— Não posso entender sua concepção, M. Picasso, sobretudo porque a forma de mulher que o senhor deu a este vaso, não corresponde, em absoluto, à realidade — mulheres que estamos habituados a ver.

Picasso prestava atenção ao argumento e perguntou:

— Quando você viu pela primeira vez este jarro, o que foi que ele lhe sugeriu?

— Uma mulher.

A RESPOSTA DE PICASSO — Pois bem, disse Picasso, isso aconteceu a todos que o viram. Jámais alguém pensou que fôsse, por exemplo, um elefante. Pode ser que esta mulher não lhe agrade, para esposa porque ela não é uma fotografia das mulheres que em geral, escolhemos para esposa, mas o que é importante é que ela significa a imagem de uma mulher.

Estes vasos, ao lado, não se parecem também com as "realidades supersticiosas" do que, habitualmente se convencionou chamar um jarro, mas ele é,

como o outro, a concepção de uma determinada pessoa, no caso Picasso, de um artista que tem a sua maneira individual de conceber as coisas e de lhes dar a forma sob a qual ele vê essas realidades.

Cada uma das modificações introduzidas na aparência convencional dos objetos e das pessoas tem sua razão de ser porque corresponde aos significados que o artista encontra e que precisa transmitir na sua obra.

O rapaz não se convenceu com facilidade embora as palavras de Picasso fossem sustentadas pelos gestos de apro-

vação da sua companheira que aceitava, satisfeita a modificação de sua realidade aparente de mulher e encontrava sentido e expressão naquela face pequena e redonda plantada tristemente sobre o pescoço comprido, nos ombros estreitos, escorregadios para as cadeiras largas e as pernas sensualmente curvadas.

A discussão seguiu calorosa entre os que iam se aproximando para ouvir Picasso dar a sua opinião sobre os trabalhos expostos, sobretudo porque o artista tem uma nomenclatura pessoal para dar forma às suas idéias, também, e, às vezes, faz uso de expressões curiosas como a "realidade supersticiosa" e outras.

Os que estavam presentes lamentamos que Picasso tivesse outros compromissos e não pudesse continuar a conversa.

Fei, no entanto, uma ótima oportunidade para todos nós que aceitamos aquelas palavras como a definição de pensamento desse extraordinário artista humano, acessível, que tem no olhar e na expressão fisionômica a mesma força de suas criações contestadas.

Aos poucos a sala mergulhou no silêncio de antes para ouvir uma história de cor e de forma que cada uma daquelas estranhas cerâmicas contava.

N.º 11 de «Provincia de São Pedro»

Já se encontra em circulação o número onze da "Provincia de São Pedro", a excelente revista de cultura gaúcha que apresenta uma variada e importante colaboração.

Dentre os trabalhos inseridos nas páginas deste número, podemos destacar os seguintes: "Falsificação da Cultura", de Fidelino de Figueiredo; "Genealogia Literária do Pampa", de Manoelito de Ornellas; "Velhos Solares do Rio", de Gastão Cruz; "Balzac, o Homem e a Obra", de Roger Bastide; "No Ginásio", de Augusto Meier; "Diálogo Entre o Artista e o Místico", de Carlos Dante Costa e "A Educação Musical no Rio Grande do Sul", de Enio Couto.

VARIAS

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

DENTRO de mais alguns dias deverá ser inaugurada em João Pessoa, uma exposição de artes plásticas, que contará com a colaboração de vários pintores nacionais.

Essa iniciativa, que é digna de elogios, tem uma alta finalidade cultural, qual seja a de criar um intercâmbio mais completo entre os nossos pintores e os de outros Estados.

LIVROS DE CONTOS

OS contistas paraibanos Carlos Romero e Hamilton Pequeno, que vêm desenvolvendo uma fecunda atividade intelectual na imprensa de João Pessoa e do Recife, prometem para breve o lançamento de dois livros de contos intitulados, respectivamente, "Vida parada" e "Noite de dezembro".

PREMIOS LITERÁRIOS

Foi concedido o Premio dos "Deux-Magots", no último júri, presidido pelo escritor Marcel Sauvage, a Christian Coffinet pelo seu livro "Cherubins". A votação foi de seis votos contra cinco, dados a Georges Blond.

Como é comum nessas ocasiões, em Paris, causou comentários a ausência de Henri Muller, que pareceu pouco gentil para com os seus confrades, a quem privou de uma pilheria já tradicional sobre "Margot Solitaire".

Houve quem assegurasse, depois, que a bolsa nacional literária cabia ao poeta André Figueiras, e o premio "Alfred de Vigny" à sra. Claude Forcade pelo seu livro "Jardins Secrets".

EDIÇÕES "REGIÃO"

APÓS o lançamento de seu primeiro livro, "O ROSTO", da Guerra de Holanda, a revista "REGIÃO", que se publica no Recife propõe-se a editar agora novas publicações, das quais se destacam: "POEMAS TRADUZIDOS", de Edson Regis;

"POEMAS", de Carlos Moreira; "O MODERNISMO BRASILEIRO", de Antonio Franca; "ALGUNS INGLESES", de Laurencio Lima; "A ARTE NA VIDA MODERNA", de Odilon Nestor e "CADERNO DE POEMAS", de George Mattos.

CLAUDE CEZAN

Os homens que se podem gabar de ter tido sobre o teatro contemporâneo uma influência decisiva, sob o triplo ponto de vista de desempenho, organização cômica e direção de uma companhia teatral, são em número bem reduzido. Há um Copeau e um Pitoëff. Resta ainda Dublin, Barrault e Jouvett. Cada qual merece um estudo sério, que se espera dia a dia. Para Jouvett, por exemplo, o livro de Claude Cezan (LOUIS JOUVET — Paris) se reduz a um palavreado inútil que se prende à superfície das coisas, nada esclarecendo sobre o homem, pois nada diz que não seja já demasiadamente conhecido. A respeito da obra, Cezan prende-se a generalidades banais que desencorajam inteiramente qualquer crítica. A personalidade de Jouvett merece trabalho melhor e mais sério. Da edição de JOUVET de Cezan, somente o prefácio de Girardoux merece referência especial.

CONFERÊNCIA

DENTRO de mais alguns dias será lançado pelo Departamento de Publicidade, enfeitada em "plaquete", a conferência pronunciada pelo poeta George Mattos, com o título acima, no Conservatório Paraibano de Música, em prosseguimento ao Ciclo de Estudos daquele estabelecimento de ensino.

DE MUSSET

ACAABA de ser reeditada em Paris, incorporando a coleção "Les Classiques Verts" a obra completa de Alfred de Musset, por iniciativa de "Les Editions Nationales", com uma introdução de M. Jean Sarrment.

Não é uma edição erudita, mas uma edição agradável e útil da obra de Musset que, parece, de agora por diante, não mais envelhecerá.

UMA REVISTA

JÁ se encontra em preparação a revista dos novos paraibanos, que terá o título de "Moleque".

A nova geração paraibana está desenvolvendo uma fecunda e promissora atividade intelectual, e conta com um grupo de valores altamente representativos.

"Moleque" levará para o Brasil a mensagem dos novos paraibanos.

PARA 1949

O editor Jos- Olímpio, em entrevista, anuncia seus projetos para 1949: no capítulo romances, lançará "Cangaceiros", de José Lins do Rêgo; "Maria Barba", de Rachel de Queiroz; "Margarida La Rocque" (A Ilha dos Demônios), de Dinah Silveira de Queiroz; "Cabra-cega", de Lucia Miguel Pereira; "Miquinhos Camacho", de Gilberto Amado, e ainda "Maria vestida de azul", novo livro do jornalista paulistano Mario Donato.

Entre as estréias, destacamos: "A grande cidade", roman-

ce paulista, de Edmundo Amaral; João Calazans, com "Pequeno burguez", e Lázaro Jardim, com "As confissões de meu tio Gonzaga".

Livros que serão reeditados: "Angústia", de Graciliano Ramos; "Mundo morto", de Otavio de Faria; "Floridas na serra", de Dinah Silveira de Queiroz; "O moleque Ricardo" e "Usina", de Lins do Rêgo, e ainda "Presença de Anita", de Mario Donato.

Ao livro do jornalista Mario Donato, em 5.^a Edição, em janeiro, totalizando 20.000 exemplares, foi conferido o premio literário "Internacional Publications" de 1948, por ter sido o mais lido durante o ano.

LOPES DE ANDRADE NA A. P. L.

ELEITO para ocupar a cadeira de Maximiano Machado, na Academia Paraibana de Letras, deverá tomar posse, solenemente, no dia 21 de abril, o sociólogo Lopes de Andrade, autor de "Introdução à sociologia das secas".

O escritor Lopes de Andrade, que é um nome dos mais representativos nas letras paraibanas, pronunciará, na ocasião, o seu discurso de posse, que é um estudo cuidadoso da obra e da vida do seu patrono na APL.



DESENHO DE ARPAD SZENES

SUGESTÕES DO GÓTICO

DILERMANDO LUNA

O esteta Félicien Chailley afirma que a contemplação das imagens budistas de Borobudur em Java, suscita no espectador, um estado sensivelmente budista. Está claro, que para a concretização desse estado, tornasse necessária a simpatia, simpatia idêntica aquela defendida e posta em teoria, pelos alemães, o go-panteista, porque o panteísmo acha-se no cerne da alma germanica. Contudo, os criadores da *Einführung*, de certo modo, dão a entender somente uma intuição com a beleza natural. Ora, a apreensão estética é imediata e por tanto ante a obra de arte a nossa participação simpática há de se processar, com a mesma intensidade, com que se processa diante da beleza incoerda.

Posso fundir-me plenamente na essência de um estilo artístico a ponto, do mesmo despregar-se inconscientemente do meu eu, nos momentos de êxtase ou de delírio provocado pela febre.

Havia concluído a leitura de um livro sobre arquitetura e examinado detidamente as fotografias que o ilustrava, quando fui acometido por uma intoxicação fortíssima, prosando-me em estado febril. E durante o desenrolar de sonhos persistentes, apareciam-me sempre fundidas as visões cotidianas, as imagens de templos e esculturas góticas.

A mais celebre teoria sobre o sublime ainda é, a de Kant e para o filósofo de Königsberg o sublime é um sentimento da totalidade, donde não poder existir por si só, mas na obra de arte sublime. Certo, tomente não queremos confundir o sublime com o grandioso e por um edifício ser grandioso não equivale a ser qualificado de sublime.

Aproveitemos porém Kant para o nosso uso e consideremos que o sublime matematico, pode ser experimentado a vista, dos templos góticos. Nada como a criação humana atinge as proporções do gótico. O gótico parece antes, a resultante de um sentimento inerente a Natureza, que se concretizasse num sonho, ao mesmo tempo, fantasista e ordenado. Quando Borisavlievitch, considerou a arquitetura como a estilização das modelos naturais, pensava no gótico. Dizendo do gótico, como de um sentimento da Natureza, embora eu afirmasse pela observação, não disse uma novidade ou, arbitrariamente. Elie Faure tratando deste estilo, o identificou à vida natural: "A arquitetura

céu e da terra unicamente ou talhada ornamentação,

sem primitiva, por causa da insubstituível repetição que oferece das grandes arquiteturas naturais em que o espírito humano recolhe os elementos da revelação lógica chamada invenção. Todas as aboboadas nasceram das formas ensinadas pela cúpula do céu e do cair dos ramos; todas as colunas são arvores; todos os muros são penhascos ou escarpas; e o telhado se estende unicamente para que os moradores possam recolher os ventos da noite e não se inclinam senão para levar as chuvas à terra que terá de as beber." (EL ARTE MEDIEVAL).

Quem não se maravilha, não uma sensação sublime olhando a Notre-Dame de Paris, por exemplo, que a natureza deu? Quem não se perturbaria ante as torres de Reims ou Colonia ou, no interior da igreja de Burgos, a catedral de Milão, onde falta as altas torres características do gótico

septentrional e onde se evidencia o quarto italiano pelo volume horizontal em contraposição ao vertical, ao nórdico, pode nos proporcionar o sentimento do sublime. O norte-americano Archibald Mcleish num poema traduzido por Manuel Bandeira, intitulado CHARLES, exprime esse espanto do homem em face do gótico:

Pedras, o que me espanto
Não é que tenham resistido
Por tanto tempo a tanto
[vento e a neve torral]
Fois não vos tinham corria
[bruido]
Para arrostar nesta colina
O inverno e o vento desse
[bruido?]

Meu espanto é que sujam.
[falta]
Sem vos gastardes, nesses
[folhas]
Nossos olhos mortais.

Como dissemos, a apreensão do valor estético é imediata e se expressa antes por mostração (*Aufweis*) que por demonstração (*Beweis*). Todavia esta apreensão não elimina a formação de uma escala valorativa dos estilos e consequentemente, a superioridade de um, sobre os demais. Ante a elegância fria do estilo helenico, diante do peso do bizantinismo, em face da massa sem ornamentos das criações românicas ou do individualismo renascentista e do barroco a escala gótica se apresenta como a mais grandiosa expressão da beleza.

Finalizando, convém recordar que para o esteta, tanto da arte, um problema não se cria em dois pontos, isto é, a sua nacionalidade, porque o estilo é sempre um imperativo de uma época. Sabiamos que o gótico era originariamente francês e autores alemães não o negam. Kant Schönerer na sua obra LA ARQUI-

TECTURA DE OCCIDENTE retifica Goethe e a censura por ter lançado o mal entendido do gótico como alemão, entretanto estabelece com Goethe e com o romantismo germanico, vendo no gótico a essência do espírito teuto. Goethe era um genio, e o genio tem uma potencia de penetração psicológica universal além da forma aparente e da critica histórica, o genio intue a psicologia dos estilos. Goethe acertou, porque embora não obscurecendo a sua razão de raciocínio Wilhem Worringer considera o país do góticoismo puro como o Norte alemão. Para Worringer, a vontade nórdica da forma se cumpriu no estilo gótico.

O gótico no entanto, não será acaso, o mais universal dos estilos do Ocidente, fruto de uma distorção espiritual e de uma hegemonia religiosa? A plena completa realização de um ciclo histórico onde as mais raras características católicas se interrelacionaram de modo expressivo, formal? Foi como Worringer em "LA ESENCIA DEL ESTILO GÓTICO" o concebiu: "A catedral gótica é a representação mais evangélica e ampla da sensibilidade medieval. A metáfora e a escolástica, as duas grandes potencias visuais da Idade Média, que costumam aparecer em incontestável oposição, ficam aqui, intimamente unidas, profundamente compenetradas. Se o espaço interior é todo místico, o exterior do edifício é todo escolástico".

Finalizando, convém recordar que para o esteta, tanto da arte, um problema não se cria em dois pontos, isto é, a sua nacionalidade, porque o estilo é sempre um imperativo de uma época. Sabiamos que o gótico era originariamente francês e autores alemães não o negam. Kant Schönerer na sua obra LA ARQUI-

DO SURREALISMO AO EXISTENCIALISMO

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

A CRENÇA numa suposta decadência da literatura francesa está muito espalhada — até em França. Já Pétain pensava assim. Embora seja licito admitir que nem todos estes juizes pessimistas tenham como única base a mesma ridícula e moralista ideia de literatura daquele cujo nome a revista "Fontaine" se orgulhava de nunca ter escrito nas suas páginas em pleno "vichysmo" (e honra-lhe seja!). não será de todo infundado recear, contudo, a existência de umas certas afinidades. Pois que, quase sem exceções, as que se dão a proclamar a decadência da literatura são em geral aqueles que dela esperam uma função e características que não lhe competem. Mas não há só estes.

Quando o amante da poesia que ainda está em Soares dos Passos encontra um Antero

pela frente; quando o exclusivista de Camilo abre um romance de Eça; quando aquele que aprendeu a ver o mundo pelos olhos de Bernadín de Saint-Pierre depara com Zola — o grito é um só: decadência! A literatura agoniza! Sempre assim foi e receio bem que sempre assim seria. Há ainda uma terceira classe de pessimistas: os que parecem conhecer da literatura um gênero apenas e se esse gênero dá mostras de fraquejar, logo generalizam e pedem exéquias. Esse é o caso presente.

Parece de fato, que o romance francês não tem neste momento nem um Proust, nem um Martin du Gard, nem um Malraux, nem sequer um Mauriac. Não esqueço que os três últimos estão vivos; apenas, a sua obra está feita, quer dizer, não parece provável que tenham

mais alguma coisa a dizer. O que se pede é novos grandes romancistas. Mas os romancistas não se "fazem" de um dia para o outro. Mas os romancistas não se "fazem" de um dia para o outro. E sobretudo devemos perguntar-nos: Mas serão os grandes romancistas indispensáveis para que exista uma grande literatura? Não se poderá concebê-la sem eles?

O homem moderno criou a ilusão de que não há, de fato, grande lite atu a sem grandes romances. Mas deveremos perguntar-nos se em plena convulsão, tais grandes romances que são, sempre, sínteses duma época, com que a revisão e o ponto final dum ciclo de experiência humana de fixação dela como passado, poderão de fato ser levados a cabo. Se houvesse hoje em França uma crise da poesia, nesse caso sim,

havia motivo de alarme; porque a poesia tem todas as condições para ser a "resposta" imediata à convulsão e à crise. Ela poderá fixar a angústia ou a fé, a consciência do drama, o grito de revolta e as vozes proféticas. Não precisamos senão de recordar o que se passou durante a Resistência para o comprovar; pois onde seião na poesia encontrou a França a voz dessa hora?

Ao ver essa admirável fita "Paris 1900" que Nicole Vedrès fez recortando documentários da época, compreendemos perfeitamente que nessa calma se tenha formado um Proust surgido a problemática e o estetismo de Gide, o intelectualismo de Valéry. Eles não são "1900" (porque os grandes artistas e todos os grandes espíritos não são apenas o reflexo do seu tempo), mas só

A PAZ DO RELOGIO

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA

ALUDIU um grande culturalista moderno à impressão, "a avassaladora impressão ocasionada pela teoria newtoniana, que o denava o cosmos em movimentos harmônicos, decorrente de uma reciproca compensação das forças. Bem ilustra esse relação sobre o processo cultural uma poesia de Voltaire dedicada, a Madame du Chatelet. O Poeta já diz muito — "Le Système Newtonien" (*), é o tratamento do assunto vai desdobrando uma serie de faces daquela "avassaladora impressão" uma serie de amalgamas com outras linhas culturais, arestas novas dessas que tentaremos deslindar através da análise dos trechos mais significativos. Os versos se iniciam com uma serenidade que sugere os ritmos de Rameau:

"Dieu parle, et le chaos se dissipe à sa voix.
Vers un centre commun tout gravite à la fois.
Os ressort si puissant, l'Âme de la nature,
Etat enseveli dans une nuit obscure:
Le compas de Newton, mesurant l'univers,
Lève enfin ce grand voile.
[Les cieux sont ouverts]

Como estamos longe de Pas-

cal confessando — "o eterno silêncio de tes espaços infinitos, me assusta". Aqui já o homem não mais se inquieta o compasso de Newton agita-se, e se crê enfim haver desvendado o grande véu, e os seus são abertos: porém, não os céus seiscentas com suas nuvens quase noturnas ou aqueles firmamentos intencionalmente azues da Grécia, onde uma Holderlin naufragar, os céus aqui desvendados são os de uma tarde mansa, daquelas tardes que se compoemavam na existência ou nas alegrias de uma assembleia num parque ou de uma tranquila pastoral.

Aqui Deus já não mais é motivo de escolhas extremas, após a criação há um ordenamento e o homem tangencia a sua infinita problemática. "Tell me, where all past years, etc...". depois dessa nudez frente à luz e a treva, houve uma acomodação, uma dessas muitas culturas onde se acentua o caráter da seguinte benedicta, culturas geralmente próximas à compreensão de fórmulas que magicamente investidas de um exorbitante poder de representar o mundo, e que, magicamente, crem dar-nos um certo domínio sobre

bre ele. (Em última análise a criação de um mundo de convenção). Mas voltando ao nosso caso, nele vemos o Absoluto confinado a um primário movens, que teve seu profeta em Newton, um Absoluto que falou e o Caos se foi dissipando à sua voz e agora se ordena e agora tudo progride quase musicalmente —

"L'air entendi sa voix. Je
[cis I humide empoir
S'élever, s'avancer vers le ciel!
[qui l'attire
tais um pouvoir central arrê-
[te ses efforts.
La mer tombe, s'affaisse, et
[roule veas ses bords.

E os cometas, o sol, a terra e o cosmos todo, fiel ao compasso, desenhando sem véu a alma da natureza. Não há mais o susto diante do eterno silêncio "Deus fala e o caos se dissipa à sua voz", e a contemplação dessa ordem no universo, cuja se confunde com a beaventurança —

"Que ces objets sont beaux!
[que l'univers ne s'apaise
[de la voir
[l'éclaircie!
[dans le sein de Dieu nous
[de ce corps mortel,

L'esprit semble écouter la voix
[de l'Éternel"

E aqui, paradoxalmente, vêm-nos a lembrança os versos de um poeta de índole bem diversa, e que também celebrizou esta transcendência atinvida através da contemplação da ordem e da sucessão harmônica. Numa ode a um organista, esse poeta diz sobre a música, através da qual, a alma —

"Trápassa el aire todo
Hasta llegar a la más alta esfera,
Y oye allí otro modo
De no precedera
Música, que es la fuente y la
[primera..."

E em realce poderemos agora perceber, uma arredia fidelidade de Voltaire, aos maiores metafísicos de seu século: os músicos alemães.

(*) A Madame la Marquise du Chatelet sur la Philosophie de Newton (1736). Seria de muito interesse um confronto desse texto, com aquele longo e conhecido poema de Archibald Mac Leish sobre Einstein — "Standing between the sun and mood preserves. A certainty in secrecy..."

Artes Plásticas

puderam ser como foram graças à calmaria desses anos "fáceis". Com a aproximação da guerra de 14, a angústia, a insatisfação foram correndo o sossêgo. Surgiram outros problemas. Uma exigência de transformação deu sucessivamente Apollinaire e Picasso, o cubismo e o futurismo, depois finda a guerra, a revolta declarada, aos gritos de "Morte à literatura", com o dadaísmo e o surrealismo, ao mesmo tempo que outras formas de revolta instalavam na literatura preocupações que, embora na aparência muito diversas, eram também uma condenação da literatura; a consciência de que o homem não era apenas o indivíduo, e que a luta de classes tinha de encontrar expressão para os seus problemas. Nas aparentemente mais divergentes direções, um Breton com o surrealismo, um Malraux na série de romances que termina com "L'Espoir", ambos lançam contudo a mesma condenação contra a literatura em que predominam a análise, a contemplação, e portanto, digamos, assim, a passividade de espectador do artista.

O "intervencionismo", ou seja o celebrado "engagement" não se refere apenas à atitude do escritor perante a ação: a "intervenção" começa quando o escritor surge na necessidade de que a sua obra seja ela própria "um ato". O que vimos suceder durante a Resistência não é senão, mais nitido, e revelado em formas de maior repercussão, a porta extrema dum processo iniciado com o fim da outra guerra. Que o dadaísta, o surrealista Aragon tenha surgido na Resistência como o próprio símbolo da poesia em luta com o inimigo, é da mais perfeita lógica. E a prova da vitalidade da literatura francesa no presente é que, enquanto um Aragon assumia esse papel, outros, em planos totalmente diferentes (e essa própria diversidade, e não o haver muitos Aragon, é que prova a fecundidade e nega a decadência) constituíam uma constelação de poetas como raramente se vê. De não menos perfeita lógica é que Breton e Aragon se fulminem respectivamente, ou antes os respectivos adeptos. Breton é essencialmente um devassador de profundidades, Aragon um desses espíritos disponíveis e plásticos,

A PARAÍBA, atualmente, em se falando de pintura, se encontra entre os Estados do país que mais se interessam e avançam nas artes plásticas. Possuímos pintores que de forma algumas ficaram atrás na marcha do tempo, situando-se magnificamente dentro da época revolucionária (leia-se sa-neadora) que ora atravessamos.

E' deveras admirável este surto de progresso e compreensão artística dos paraibanos.

Aí estão, para confirmar as minhas palavras, Edesio Rangel, Leonardo Leal, Hermano José J. Lyra, Clerot e outros mais que, com a sua inteligência, a sua sensibilidade e a sua cultura — tanto têm feito pela nossa terra.

A verdade, entretanto, é que se os nossos artistas plásticos estão cumprindo magnificamente com o seu dever, o público, por outro lado, de forma alguma tem sabido corresponder ao menos condignamente ao esforço desses idealistas. Ainda há algumas semanas, Lyra, em entrevista concedida a este jornal, falava das enormes dificuldades por que passa, temporariamente, o Centro de Artes Plásticas de João Pessoa. Depois de mil dificuldades vencidas, esforços, roubo de tempo a si mesmos para conseguir produzir algo, os artistas conterrâneos, enfim, inauguraram a sua exposição. Os jornais desta cidade, seja por comodismo, seja por falta de alguém que possa esclarecer o público sobre os trabalhos apresentados, quase sempre têm deixado passar em branca nuvem o esforço dos artistas.

Entretanto, os rapazes traba-

cos, e portanto menos profundos, mas capaz de atingir uma expressão dos sentimentos comuns vedada a um Breton.

Mas perguntará possivelmente, o leitor, e Sartre? E o existencialismo?

Realmente, mandariam os imperativos da moda que eu começasse por falar em Jean-Paul Sartre e do existencialismo. Mas eu sou uma pessoa antipática, que só gosta de fa-

lham. E produzem. E, acima de tudo, produzem grandes coisas, sem reparar mesmo no meio pouco receptivo — para não dizer nada receptivo — da província trancada às manifestações do espírito.

Aliás, muitas vezes já se tem escrito a respeito da quase hostilidade da província diante de certas coisas e homens. Entretanto, a hostilidade, ao meu ver, vem desaparecendo, cedendo lugar à obtusidade, que é coisa muito mais perigosa. Não se hostiliza mais o artista. Simplesmente se o ignora.

Por tudo isto, o esforço desses rapazes é simplesmente admirável. São nomes novos, cheios da vontade de produzir algo bom e em verdade merecedor de perdurar. Edesio Rangel, tão admirável nas suas concepções, principalmente naquele "Poeta"; Leonardo Leal, ainda vacilante, mas já quase uma afirmação com trabalhos belos como aquela composição sobre o petróleo nacional; Lyra, com os seus retratos que trazem um pedaço de cada personalidade apanhada.

Enfim, esta é uma nota em que não pretendo de maneira alguma fazer crítica. Quero apenas deixar aqui a profunda admiração pelos artistas plásticos da Paraíba que, neste dia, tanto vêm fazendo pela nossa cultura. Agora mesmo levo uma pequena mostra de trabalhos desses moços para exibir entre amigos no Rio. E levo como um admirável atestado de que, nesta terra, o povo trabalha afanosamente — se bem que numa ação quase subterrânea, de "maquês" — em busca da arte e da beleza das coisas.

PÉRICLES LEAL

lar nas coisas na altura própria e não segundo as leis da moda. Pois falemos do existencialismo... mas qual existencialismo? Há com efeito o existencialismo, mas há também uma doença com o mesmo nome. Pois não nos mostram em Paris um "dancing", dizendo-nos: E' o "dancing" existencialista?! Não, certamente que não é a atitude filosófica, nem a corrente lite-

raria desse nome, que podem ter "dancings". Ora ou suponha que é a filosofia e a literatura do tal "dancing" que interessam, à maior parte das pessoas. Se pudéssemos fazer uma estatística certamente se verificaria que Greco, a linda proprietária do "Tabú", terá ganho mais dinheiro "fazendo" existencialismo do que o sr. Gallimard com as edições, embora numerosas, de "L'Être et le Néant", a pedra angular da filosofia de Sartre, setecentas páginas que não são com certeza para estômagos snobos.

De fato, não sealaria tanto no existencialismo se o "snobismo" não tivesse lançado mão dele. Se Sartre fugiu do "Café do Flore", à sombra da velha abadia de Saint-Germain des Prés, podemos dizer que, simbolicamente, quis fugir à moda, que não pode quadrar com a seriedade da sua obra. Havia, porém, no existencialismo palavras tentadoras, palavras que toda gente julgava perceber porque eram palavras "difíceis". Havia também (porque mesmo o "snobismo" tem um fundamento sério) uma maneira nova de pôr o problema da existência e do comportamento humanos. Finalmente, Sartre, coisa raríssima, é ao mesmo tempo um filósofo e um romancista. Finalmente, não: porque deixei de lado um fator muito importante: é que Jean-Paul Sartre, embora não sendo um autor fácil, trouxe pela primeira vez para o grande plano da literatura uma concepção da vida que não é nova na filosofia, nem sequer na poesia, mas que não encontrara ainda uma expressão literária acessível, na própria existência, que nada pode dar "validade" à vida senão o próprio viver. Mas que Sartre me perdôe — aqui estou eu a simplificar e a atraiçoar.

Mas enfim, Sartre apareceu neste artigo por uma espécie de pressão exterior, quando eu pretendia falar apenas da poesia. Pressão que justificadamente me forçou a mão pois Sartre, Breton e Aragon marcam de fato três direções fundamentais, pelo menos as três direções fundamentais cujo conhecimento é imprescindível para se alcançar o presente da literatura francesa uma idéia com o mínimo de justeza. São três peças dum jogo que, tirada uma, se torna incompreensível.

ESCREVEU T. S. ELIOT INGLESES NO BRASIL

EDSON REGIS

— num artigo sobre a obra de a pessoa de Ezra Pound — que “não se pode compreender inteiramente a doutrina de Aristóteles sobre a tragédia sem referir-se aos restos que conhecemos do drama ático, sobre o qual baseou suas generalizações”. Lembrei-me desta observação do poeta norte-americano lendo o livro de Gilberto Freyre — **INGLESES NO BRASIL**.

Mesmo quem não conheça a obra do mestre de CASA GRANDE & SENZALA e que saiba de sua grande contribuição prestada até agora no campo dos estudos sociais no Brasil, apenas através das referências feitas pelos críticos em jornais e revistas, lendo o recente ensaio **INGLESES NO BRASIL** chegará imediatamente à conclusão de que ninguém — e isto já de alguns anos para cá — que da vida brasileira — “no espaço, na paisagem e no conjunto da civilização do Brasil” — o poderá fazer sem que tenha de recorrer aos trabalhos de pesquisas e de interpretação do nosso passado feitos e publicados pelo nosso sociólogo.

Fala Gilberto Freyre no seu último livro do receio que chegou a ter de que algum aventureiro não lhe arrebatasse da mão o assunto ingleses no Brasil, há anos por ele namorado “o estudo dos atos, das aventuras e até dos abusos de ingleses espalhados pelo Brasil no século XIX como consules, negociantes, técnicos, mecânicos, missionários; ou aqui chegados antes sob a forma de pi-

ratas ou simplesmente de viajantes ou aventureiros”. Creio que tal receio não devia ter preocupado o autor. Um livro como **INGLESES NO BRASIL** — em que pese o conhecimento que tenham ou venham a ter do assunto outros ilustres estudiosos brasileiros — só poderia ter ido escrito mesmo por Gilberto Freyre. E se outro fosse o autor de um livro como esse talvez tivesse deixado a margem muitos de talhes que a primeira vista parecem carecer de importância e dos quais Gilberto Freyre tirou um efeito surpreendente. Tivesse outro escrito “**INGLESES NO BRASIL**” e se servido do vasto material que o autor obteve depois de muitos anos de buscas nos arquivos brasileiros e estrangeiros e teríamos perdido fatalmente muitos documentos que somente Gilberto Freyre possui ou sabia onde se encontravam para trazê-los até nós. E daí a minha afirmativa de que ninguém pode tratar de qualquer importante tema relacionado à vida brasileira sem se utilizar da obra do mestre da nossa sociologia contemporânea.

Ainda sobre Ezra Pound — e agora as palavras não são T. S. Eliot — disse Hemingway que para um poeta de língua inglesa não ter caído sob a influência de Pound era como “ter se achado cob uma tempestade de areia e não ter sentido a areia ou o vento”. O mesmo poderíamos dizer de qualquer estudioso dos nossos problemas sociais que tente fazer investigações e escrever sobre a civilização do Brasil sem consultar a imensa obra de Gilberto Freyre.

Esse **INGLESES NO BRASIL** é um livro que nos põe em contacto directo com o passado da vida brasileira, quando o elemento inglês teve um papel preponderante sobre nossa civilização, principalmente do século XIX. “nos próprios dias de glória do imperialismo britânico. Isto é, de sua máxima pressão econômica sobre a vida brasileira”. E o que mais surpreende o leitor é o modo, ou melhor, a técnica usada por Gilberto Freyre, juntando ao esforço de reconstituição histórica perfeita, ou quase perfeita,

de vez que o autor se vale de documentos às vezes obscuros, e sociológica ou histórica, a tentativa de interpretação psicológica, como ela esclarece na introdução. E usando essa técnica Gilberto Freyre se afasta de ingleses como Canning, Soutney, Cochrane e Burton para encontrar em “ingleses secundários” — aventureiros, missionários, negociantes, mecânicos e piratas — “interesse humano e mesmo literário, além do possível valor científico ou sociológico...” Afasta-se para nos dar retratos perfeitos desses “ingleses secundários”, partindo do regional para atingir o universal, alongando-se do particular no geral.

Uma das observações importantes de Gilberto Freyre em **INGLESES NO BRASIL** é a de que a cultura técnica e literariamente superior dos britânicos não agiu de modo absoluto, ou sempre soberanamente, sobre a inferior, a brasileira. O povo de Sua Magestade Britânica também sofreu influências brasileiras como resultado do contacto dos britânicos com a sociedade brasileira. Muitos foram os ingleses que se viram obrigados a substituir sem bom uisque pela cachaça, “a costeleta de carneiro com pão pela carne seca com farinha, o Porto pelo “vinho ordinário”, o chá com biscoito pelo bacalhau (que tão detestável pareceu a Dent) acompanhado d’água de quartinha ou de jarra, o rosbife

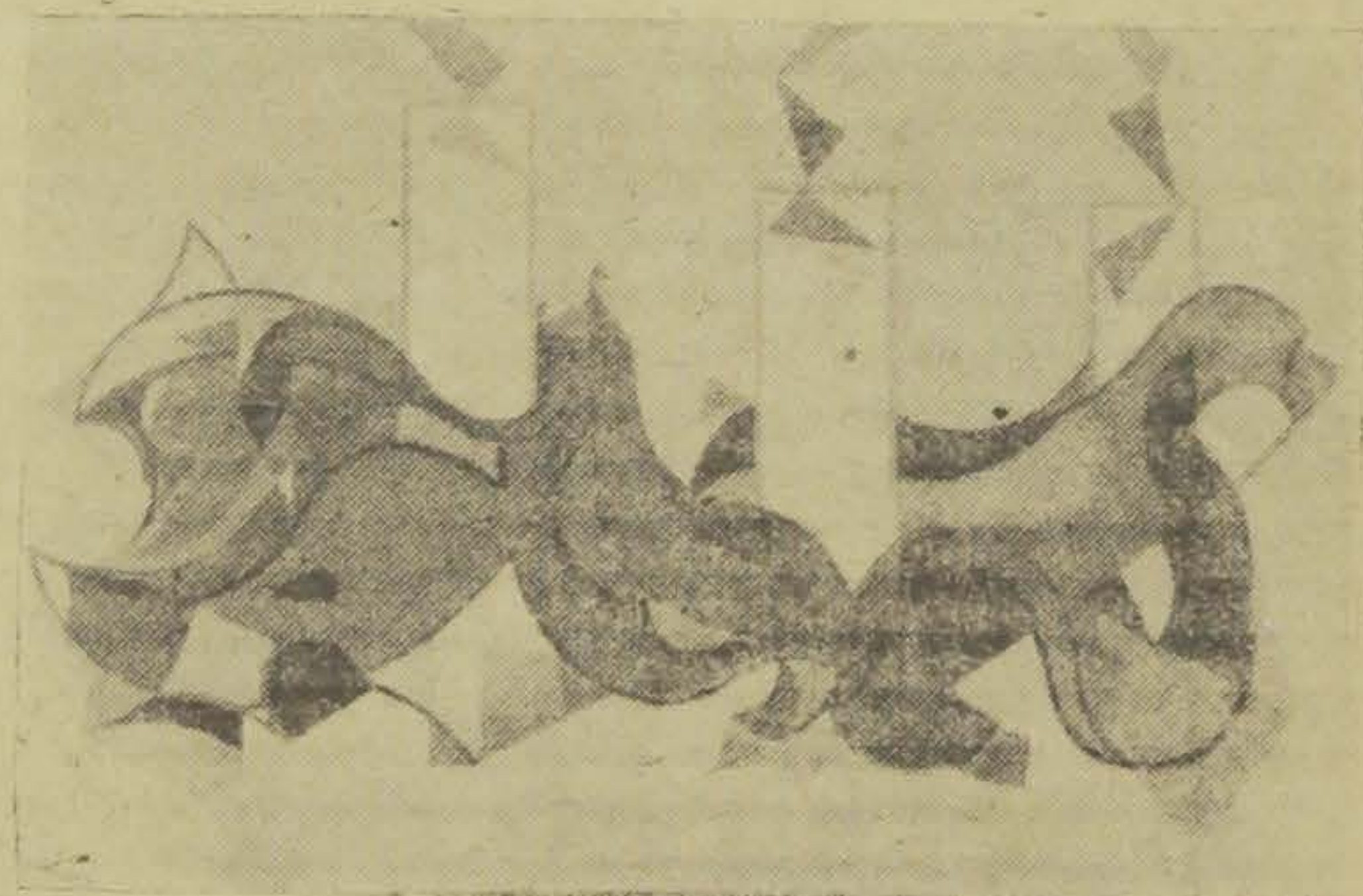
pela feijoada (que aos olhos do mesmo Dent pareceu à primeira vista igualmente execrável, mas a cujo sabor brasileiríssimo seu paladar acabou se adaptando), o pudim de amêixa pelo doce de goiaba”.

E’ comum ouvir-se dizer que os ingleses vindos para o Brasil sempre aqui viveram isolados. Sempre pareceram gente importante, mantendo um padrão de vida muito diferente do mantido pelos outros estrangeiros, que se adaptavam mais facilmente ao meio. Confesso que nunca imaginei um rapaz inglês levando uma vida de extrema miséria no Brasil, sem o seu cargo de relativa importância nas companhias inglesas aqui estabelecidas. Mas em **INGLESES NO BRASIL** há este trecho que veio desfazer muita lenda e fazer luz sobre o caso: “Deplorável parece ter-se conservado, por muito tempo, a situação dos rapazes vindos da Grã-Bretanha para se empregarem no Brasil como simples caixeiros ou auxiliares de armazens, casas de negócios e empresas comerciais britânicas. Pobres e de origem modestamente burguesa, isto é, pequeno-burguesa, muitos desses moços louros viram-se aqui obrigados a viver uma vida menos de romance inglês do que de romance russo, que às vezes terminou no suicídio. Pois privados do convívio com as famílias de ingleses importantes, grandes burgueses, estabelecidos no Brasil, e quase sem acesso à vida de família da burguesia brasileira, foram vítimas não só do velho hábito mourisco da sociedade patriarcal brasileira — o das



SELEÇÕES DO
“CIRCULO LITERARIO”

O “CIRCULO LITERARIO DO BRASIL” selecionou para fevereiro último, o novo romance de José Mauro de Vasconcelos, autor de “Barco Branco”. Para o corrente mês foi escolhido o volume “Três Novelas” de Stefan Zweig, no qual estão incluídos “Amok”, “Confusão dos Sentimentos” e “Vinte e quatro horas da vida de uma mulher”.



Detalhe de um mural do pintor abstracionista Cícero Dias, executado no Palácio da Fazenda do Recife

OEPIFANISMO E A POESIA DO HOMEM

É UMA fatalidade que leva o homem a negar a poesia?

Ou, o nosso século está a tal ponto perturbado que as palavras que mais falam ao coração perderam seu valor?

Pois a poesia fica como um esforço para o belo, uma busca de purificação. E si se fala de interesse, que seja no sentido de uma vontade de alcançar o mais alto.

Precisaria admitir que o cristianismo, que é docura, teve seu tempo; se o cristianismo não era mais que uma beatitude sentimental sacudida periodicamente por cataclismos.

É o último cataclisma mundial, a terrível guerra, e o não menos terrível "após-guerra" obscurecido pelo temor atômico, não puderam ainda emudecer o homem.

A era científica não poderia ser uma era inhumana. O pessimismo e a tristeza não são estados da alma senão nos vencidos.

Porque há os que desesperam diante da vitória do mal. Há os que creem na virtude da violência pela violência. Há os que creem na virtude do rebanho, na virtude do chicote, na virtude dos matadouros.

Mas há os que creem na liberdade do homem, na sua alegria, na sua grandeza. Há todos aqueles que não são feitos para o "Knout", para os horizontes farpados, nem para o suicídio.

E humanamente, são estes que têm razão. Razão justamente e contra todos os falsos suicidas do existencialismo, contra o pessimismo de Kafka, contra a literatura americana, negra e repugnante.

A evolução das artes sofre a influência da moda. Depois de cada guerra tanto a de 14-18; como a de 39-45, o homem volta a construir — a destruir

— um mundo feito à sua própria imagem.

E é de um universo de sonambulismo, de uma onda mágica e artificial, que ele enche sua literatura.

Esta hipertrofia das exigências da introspecção obsecra-o ao ponto dele não ver mais que a natureza é bela, que a confiança, a verdade, o amor existem mesmo assim. Ele se insurge com o pensamento de que isto existe apesar de tudo.

Eis porque é preciso impulsionar os homens que são deli-

beradamente cheios de curiosidades psicanalísticas malsãs e de dissecções de sentimento para procurar extrair de um sistema que sem dúvida griza por dileção morbida de uma prosperidade de mau augúrio.

Acabei de ler "Le manifeste de l'Epiphanisme".

"Nós queremos salvar o homem", escreveu Henri Perruchot. Louvável e ambicioso projeto onde a simpatia arrebatada finalmente a ironia.

Pois o Epifanismo envia em sua imaginação lírica, a gra-

ça simples, a vivacidade lúcida.

Que adesão de homens livres não deveria arrabatarlo quando ele escreve:

"...É bastante dizer que nós nos opoemos a estas tentativas de rebaixamento que se chamam compromissos... Comprometidos, certamente o somos, mas não à maneira dos que consideram o compromisso como uma simples obediência às palavras de ordem — em síntese: às ordens. Nós não pretendemos ser comprometidos em relação ao homem. Nós reclamamos para nós a liberdade..."

O Epifanismo (etimologicamente elevado para a luz), supõe de começo uma tendência natural do homem de se emancipar cada vez que se encontra em face do intelectualismo estéril e de sentimentalismos náuticos.

O Epifanismo é a reação automática, mas corajosa contra o catecismo primário da imortalidade por princípio. É a reação contra toda condenação da estética.

Em uma palavra, a revalorização da poesia.

Terminarei sem dúvida por onde deveria começar.

Foi Vincent Monteiro e sua forte amizade que me abriram os vastos horizontes do Epifanismo.

A esse homem foi dada a missão de servir à poesia e à beleza. Ele se serviu, então com sua pintura admirável.

Hoje ele põe à sua disposição seu "Message Amical de Poesie", que ele mesmo edita, em prensa manual.

Terei proximamente ocasião de falar de Perruchot, de Gaston Criel e de alguns signatários do "Le manifeste de l'Epiphanisme". Não me será possível terminar sem dar a Monteiro o lugar que lhe compete. — CARELLI. (Paris, 1943).



COMPOSIÇÃO de Augusto Reinaldo, pintor pernambucano que tomou parte no "I Salão de Arte Moderna", realizado na Faculdade de Direito, ao lado de vários outros pintores que representam o atual movimento da pintura moderna em Pernambuco.

famílias se fecharam às vistas de rapazes solteiros — como do que um inglês por longo tempo residente no Rio de Janeiro, chama "that snobbishness of English intercom-se nowhere greater than in Brazil..." Foram esses ingleses que fechavam suas portas a modestos rapazes aqui chegados para ocuparem

empregos pouco rendosos que fizeram os brasileiros olhar os súditos de B. M. B. de origem altamente burguesa como tipos cheios de si, presunçosos e (Por que não dizer) bestas.

Não se pode falar à vontade de um livro como INGLESES NO BRASIL num simples artigo para jornal onde o espaço

disponível a cada colaborador é muito pequeno. Principalmente de um livro como este que desportava absoluto entusiasmo no leitor, não só pelo tema como pelo estilo admirável de Gilberto Freyre, a maneira de dizer a coisa simples e claramente.

Um ensaio completo sobre um assunto quase inexplorado

é INGLESES NO BRASIL. É "um ensaio da melhor qualidade; nenhuma suficiência escolástica; nenhum pedantismo; as interpretações sugeridas à vista do material nuamente exposto aos olhos do leitor. Por isso, é um grande livro — o livro de um mestre" — como escreveu o prefaciador Octavio Tarquinio de Sousa.

PEDAÇO DE MEMÓRIAS

JOSÉ LÍNS DO RÊGO

O JVI que falavam de mim.

E', não vai sentir muito porque vai para o colégio.

Reduzi tudo ao fato concreto. Iria para o colégio de Itabaiana. Lá estavam outros primos e o que contava não era para entusiasmar.

Afinal de contas a minha tia Naninha se casaria, o filho de criação não iria sentir a sua ausência porque já haviam cuidado do destino que lhe dariam.

Sai para um canto e as palavras começaram a me dizer: Casamento, colégio, a tia casada, como a outra, a tia Maria que se fôra uma manhã, na carruagem de Seu Lula.

Agora era mais taludo podia ver de perto as coisas e sentir com mais segurança os acontecimentos. Para o casamento da outra, a que me fizera as vezes de mãe, pois ficara aos seus cuidados, em seis meses, puderam me enganar com o velocípede e o traje de marinheiro com um apito. Só vim ter a idéia da separação da mão que fugia de cabriolé, na hora exata da partida. Tudo se passou de repente. O carro do Seu Lula estava no pátio da casa grande, e meu avô, os convidados todos nas despedidas, e só eu feito besta sem saber de nada. Lá estavam Nenem, como só eu apelidava a tia Maria, o primo Henrique de roupa escura, as negras na porta da cozinha. O cabriolé parado, bem pertinho do pé de jasmim do cabo, e quando eu vi foi a mãe que era tudo para o menino de três anos, chamar-me para o beijo. A liberdade chegou-me como um alfinete que se entalasse no meu coração. Ai uma dor apertou-me o peito e eu tive a verdade nua e crua ao alcance da mão. Foi a primeira dor da minha vida, a primeira dor que se gravou na sensibilidade mole como cera. Corri para os braços de minha tia, na certeza de que tudo estava perdido para mim. O mundo se acabava ali, num instante, num minuto.

Procurei contar este episódio em trechos do MENINO DE ENGENHO, e não consegui exprimir a dor daquele momen-

to. Foi, de fato, qualquer coisa como um esmagamento da personalidade em botão. Uma rude mão arrancava da haste o tenro botão que nem se abria ainda ao calor do sol ou ao sereno da noite. Sei que as lágrimas apagaram os meus olhos, e que só os meus ouvidos puderam ouvir. Ouvi muito bem as campainhas do cabriolé de estrada a fôra. E a voz da tia Naninha, forte dura, senhora a gritar: não chore, José".

Chamava-me de José, ela que sempre me chamava de Dedê. Mudara com a posse da criatura que passava a sua direção exclusiva.

Ouvindo-a dizer: "é, não vai sentir muito porque vai para o colégio", era como se ouvisse aquele "José" áspero

da terrível despedida de Nenem.

Não sei porque a terceira mãe que me criou na vida nunca conseguiu me dominar como mãe. O que lhe faltava? O que lhe sobrava? Acredito que fôsse como a minha avó Janoca, de alma seca, de formação mandona, sujeito a fúrias, a conservar ódios, toda ao contrário de meu avô, homem manso, uma natureza de cordeiro, incapaz de guardar um rancor, um despeito, um raiva.

Sim, o colégio iria suceder a tia Naninha, passaria a condição do poder condutor de minha vida. Sabia que muito se apanhava por lá. Os primos falavam da palmatória impiedosa do mestre. A tia Naninha me batia com violência. O coro

da chinela deixava marcas pelo meu corpo. Mas o avô nunca usava os seus poderes. Gritava e com os gestos nos fazia tremer.

Agora porém o colégio aparecia com as ameaças do melhor corretivo. Diziam sempre: "ele encôiteira no colégio". Tinha certeza que a tia Naninha queria se ver livre de mim. Casada, não lhe interessava o trambolho de um filho suposto. O colégio surgia como um recurso de solução. Que lhe valia um sobrinho órfão, que recebia de mãos da irmã que não o quis levar?

A dor da orfandade me reduzia a nada. O avô era distante no seu afeto, assim como a bondade de Deus. O que me faltava era mesmo mãe, e não de mãe, ternura de mãe raiva de mãe.

"E', não vai sentir muito porque vai para o colégio".

Estava só, no mundo.



O HOMEM E O CAVALO — Helio Felijó

Próximo número de CORREIO DAS ARTES

No próximo domingo escreverão neste suplemento, entre outros, Afonso Felix de Sousa, Evaldo Coutinho, A. Accioly Netto, Bandeira Tribuzi, Antonio Brayner, Lopes de Andrada, Clovis Assumpção, Ledo Ivo e Manuel Diêgnes Júnior.

NOTURNO

é livre e sai pela madrugada. Os galos cantam no quintal com roupas estendidas em arame. No quarto de Norma não há mais penumbra. Agora eu posso divisar melhor o meu corpo. A combinação de seda cor de rosa é curta e deixa-me ver as coxas morenas. O silêncio me angustia. A respiração de Norma é uma respiração cansada. "Uma moça o-fá, sem dinheiro, sem proteção, num mundo de cafagestes, eis o que sou". Tenho pena de Norma. Nada posso fazer em seu auxílio. Alguem está sorrindo de meus pensamentos. Ouço uma gargalhada satânica. Vejo-me perseguido por uma multidão sorrindo. Estou perdido. O sono não virá, enquanto a vida recomeça a agitar-se lá fôra. Os sinos da igreja estão me dizendo que hoje é domingo. Sinto-me puro e leve como a luz que entra no quarto, vinda da madrugada. Minhas palpebras estão doloridas e um cansaço de convalescente me deixa inerte, parado, olhando o teto. Fico assim, ouvindo os sinos, o canto dos galos, enquanto o sono não vem.

CHEIRO de pó de arroz. O rosto que se acha ao lado do meu, é um rosto de menina e tem uma delicadeza que lembra aquela boneca de louça, que vi na vitrine, um dia, pergando na mão magra de tia Cecília.

— Compre tia, aquela boneca para mim. . .

— Você quebra.

Mas o rosto que está diante de mim, não é o rosto da boneca de louça e sim um rosto de mulher infantil, lembrando essas meninas bem enfeitadas, que vão à matinal, todos os domingos, para ver filmes engrapados. Dir-se-ia um rosto puro, principalmente agora, quando os olhos estão cerrados.

Façamos de conta que é a boneca de louça que está ao meu lado. Os seios alteiam-se com a respiração, num vai-ven cansado. A boca parece sorrir um sorriso indefinível. O sorriso da Gioconda. O professor de História falava de uma Gioconda de sorriso indefinível.

Cheiro de pó de arroz. Os braços de Norma estão nus, entretanto eu não sinto nenhum desejo de acariciá-los. Se o fizesse, ela acordaria zangada e faria um mucuchio de menina mimada. Melhor é ficar olhando esse rosto que cheira a pó de arroz e loção barata e que, momento antes, ostiva a machucá-lo com os meus beijos embriagados. Norma sentiu cócegas e me pediu que parasse com aquilo:

— Tenha modos. Assim não. . .

O cansaço me domina agora. Contemplo o telhado sujo do quarto, onde teias de aranha se agitam, lembrando trapezios do circo. Talvez os trapezios daquele circo a que tia Cecília me levou, um dia. Jamais esquecerei a menina que se desloca sobre uma barra de ferro, as coxinhas de fora, os tambores, o silêncio da platéia, minha respiração presa, o coração batendo com medo que ela se despenca-se dali.

Talvez Norma esteja sonhando um sonho de criança. Quem sabe? Ela me disse, quando estávamos no bar:

— Meus pais eram ricos. Depois que eles morreram veio a desgraça. . . Uma moça orfã, sem dinheiro, sem proteção, num mundo de cafagestes. . . eis o que sou.

O sorriso indefinível numa boquinha de menina. Os cigar-

ros. Onde estão os meus cigarros? A penumbra do quarto só me deixa ver o rosto de Norma, porque da janela aberta um pouco de luar banha-lhe as faces. O céu purifica o corpo de Norma, que os homens conduziram para a perdição. "Uma moça orfã, sem dinheiro, sem proteção, num mundo de cafagestes. . . eis o que sou". Depois disto, os braços me receberam, num gesto que me comoviam.

— Você parece que não é como os outros.

Sinto um gosto amargo de nicotina, enquanto dos lábios de Norma me vem um hálito de cerveja. A cena do bar. Gente falando alto, a espuma de cerveja derramada numa mesa, perto. Arrastar de cadeiras e aquele homem musculoso, com cara de bandido de cinema, surgindo do fundo do

bar, exibindo uma peixeira. Tudo isso me vem agora, numa confusão de sentimentos. — Não tenha medo, não. Aquela tipo é covarde.

As palavras de Norma me deram confiança. Senti a palidez do rosto e um suor frio correu-me pela testa. Parecia que havia dado uma parreira, pois o coração estava a ponto de sair pela boca.

Desejo fumar, porém, tenho medo de acordar Norma. O rosto sereno, a boquinha de menina parece sorrir. Norma deve ter tido uma infância feliz. Os pais ricos. As palavras não me saem da cabeça: "Uma moça orfã, sem dinheiro, sem proteção, num mundo de cafagestes". Sim, mas agora ela está feliz, sonha passeando com as amiguinhas, brincando

pelas calçadas, correndo do papa-figo, pedindo dinheiro para comprar bombom.

O sono não virá mais. Da janela aberta a brisa traz a madrugada. Norma, nesse instante, é uma criança. Tenho vontade de fazer-lhe cócegas, cobri-la de beijos. Ela ficaria zangada e diria, cobrindo-se toda:

— Vamos dormir. Você é impossível.

Volto o olhar para a pequena penteadeira, onde Norma ficou de vestido de baile, o friso preso nos lábios e os seios aparecendo do outro lado do cristal. Depois saímos para o bar, como se fossemos dois namorados.

Gosto de nicotina na boca. Cheiro de pó de arroz e loção barata.

Faço um esforço enorme para apanhar um cigarro, na penteadeira, ao lado. Risco um fosforo. Felizmente Norma não acordou, apenas se mexeu, lânguida, num espreguiçamento que me deu inveja. Os seios arfam cansados e um longo suspiro exalou-se, como se ela estivesse se afogando. A brisa lembra as madrugadas daqueles tempos. Os galos cantam o mesmo canto de sempre, trazendo a pureza daquelas manhãs orvalhadas. Vejo-me de calças curtas correndo pelos campos, aspirando o cheiro de terra molhada. A meninada gritando na minha frente e eu segurando a mão de Graziela, que tinha um rosto vermelho e uns lábios com gosto de ameixa. A janela mostra-me um céu claro. Os galos cantam com saudades de minha infância que já vai longe. Graziela não corre mais pelos campos molhados. Graziela é hoje uma mulher feia e magra, que faz compra na feira, retira de uma bolça velha notas velhas, discute com o vendedor e só pensa na filharada e no marido. Sei que nunca mais verei a Graziela de beijos doces e que lembravam ameixas.

Um automóvel passa fazendo zozada, quebrando o silêncio da madrugada.

Norma se agita. Abre os olhos. Finjo dormir. Norma virou-se na cama. Ficou agora olhando para o lado da parede. Não verei mais o rosto de criança.

Dores no estomago. Gosto de nicotina na boca. A fumaca

(Conclue na página 15)

NOTURNO

Conto de CARLOS ROMERO

Correio das Artes

Suplemento literário de A. UNIÃO

João Pessoa, Paraíba, 27-3-1949

PINTURA PARAIBANA



TARDE — óleo de Hermano José